PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Emerson da Costa Andrade

Identidade e Metamorfose: O Budista Convertido.

Um estudo psicossocial com convertidos ao budismo da BSGI de São Paulo

São Paulo

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

PUC-SP

Emerson da Costa Andrade

Identidade e Metamorfose: O Budista Convertido.

Um estudo psicossocial com convertidos ao budismo da BSGI de São Paulo

Dissertação apresentada à banca examinadora como exigência parcial para obtenção do titulo de mestre em psicologia social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Professor Doutor Antonio da Costa Ciampa.

São Paulo

2010

Banca Examinadora

_____**Antonio da Costa Ciampa** _____

Orientador

Frank Usarski

Convidado

_____**Cesar Vinicius Ornelas** _____

Convidado

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais; Luiz Umbelino de Andrade e Antonieta Cordeiro da Costa Andrade.

Agradeço a toda minha família, em especial, minha irmã Gleice (valeu a força), irmão Wagner, sobrinho Enzo, meu cunhado Sergio e a todos os Costa Andrade.

Agradeço a Aline & Cia, Alinda amore e Cia (Izzah).

Agradeço ao professor Antonio da Costa Ciampa, que além de orientador é um ótimo amigo. (Obrigado pela paciência e dedicação).

Agradeço ao CNPq, por ter financiado esta dissertação, pois sem esta ajuda eu não teria concluído o curso.

Agradeço a Marlene Camargo (valeu a força) e a todos os professores do programa de psicologia social PUC-SP.

Agradeço aos entrevistados Andréia, Carlos e Maria, pela atenção e confiança depositada. Muito obrigado!

Agradeço a instituição budista Soka Gakkai (BSGI) pelas informações e atenção.

Agradeço ao professor Frank Usarski por ter me ensinado muito a respeito das religiões, em especial o Budismo.

Agradeço ao pessoal do núcleo de identidade; Juracy, Marcelo, Mariana, Clodoaldo, Ricardo, Shirley, Renato, Aluisio, Simone, Ana Cris, Alessandra e entre outros que circulavam por lá, um grande abraço e muito obrigado!

Agradeço a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, foi uma grande metamorfose participar desta família.

Agradeço ao pessoal da Prefeitura de Rio Grande da Serra, em especial os da saúde mental; Zilda, Roberto, Thais, Lilian, Ariadne e Sergio.

Agradeço a minha terapeuta Liane.

Agradeço aos amigos, colegas de profissão Tati, Tâmara, Silvaninha, Elisa, Elide, Karina, Sergio, Comitre, Márcia...

Agradeço aos meus amigos, que faço questão de lembrar alguns nomes: Cris Tomaz, Lilian “Leão”, Laércio & família, Marcelo Alves, Bianca Mendes Juliano & família, Susana Antunes, Aninha, Ana Paula Carvalho, Rosangela; pessoas que contribuíram para que eu chegasse aqui.

Por fim, agradeço a todos os que me consideram e me queiram bem. Muito Obrigado!

“Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Cada pessoa passa sozinha, mas não vai embora sozinha e nem nos deixa só. Pois leva um pouco de nós, e deixa um pouco de si. Há os que levam muito e os que deixam pouco. Há os que deixam muito e levam pouco. mas as almas não se encontram por acaso.”

Charlie Chaplin

“A todos que me acompanharam neste processo de metamorfose,

a dissertação é nossa!”

Emerson da Costa Andrade

Dedicatória

Dedico este trabalho a ti meu pai Luiz Umbelino de Andrade, que mesmo sem estudos legitimou em mim o prazer em estudar. O que me fez pensar que o estudo e a maior riqueza do homem.

Dedico a minha mamãe Antonieta Cordeiro da Costa Andrade, que muitas vezes chorou por mim doente e hoje, por felicidade, chora comigo pelas conquistas. Obrigado mãe, pelo carinho, paciência e dedicação, eu sou o resultado do seu amor.

Amo vocês!

Emerson da Costa Andrade

SUMÁRIO

Resumo - 08

Abstract.....09

Introdução.....10

Parte I – BUDISMO: HISTÓRICO, TRAJETÓRIA NO BRASIL E NO MUNDO

1.1 Breve histórico do Budismo.....16

1.2 O Budismo no Brasil.....21

1.3 A instituição budista Soka Gakkai Internacional (SGI).....27

1.4 A SGI no Brasil: Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI).....30

Parte II – A CONVERSÃO RELIGIOSA: UMA QUESTÃO PSICOSSOCIAL NA REALIDADE HUMANA

2.1 Conceito de conversão religiosa.....32

2.2.-Modelos e Concretização da Conversão.....35

2.3 A conversão religiosa no mundo da vida.....40

2.4-Sociedade e religião.....42

Parte III – IDENTIDADE RELIGIÃO E METAMORFOSE

3.0 Conceitos de Identidade.....46

3.1Aspectos psicossociais na identidade humana.....48

3.2 As metamorfoses.....56

Parte IV – Conclusões

4.0 Apresentação.....57

4.1 Metodologia.....57

4.2 Considerações finais.....58

Referencias Bibliográficas.....62

Anexo I historia de vida dos participantes da pesquisa.....69

Glossário.....86

Resumo

Andrade, E. C.(2010). Identidade e Metamorfose: O Budista Convertido. Um estudo psicossocial com convertidos ao budismo da BSGI de São Paulo. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Palavras-chave: Identidade, Metamorfose, Conversão Religiosa, Budismo, Psicologia Social.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de identidade como metamorfose, diante das narrativas da história de vida dos praticantes convertidos. Com base nas concepções teóricas de Antonio da Costa Ciampa, estudaremos a identidade, considerando os elementos psicossociais contidos na vida e na conversão para uma nova religião, neste caso o budismo. Através de entrevistas semidirigidas, buscamos registrar a memória viva dos indivíduos, compreendendo as metamorfoses que marcaram os diferentes setores de suas vidas, os novos significados que passaram a atribuir a estes fatos, como se percebem e o que mudou na esfera social. Também, o presente trabalho mostra uma breve pesquisa sobre o budismo no Brasil e no mundo, abordando os aspectos psicossociais da religião, e a análise da Identidade no que se refere a compreender as metamorfoses nas histórias de vida. Nesta perspectiva buscaremos desenvolver fundamentos para a aplicação da proposta teórica sobre a questão da identidade como metamorfose em busca de emancipação.

Andrade, E. C. (2010). **Identity and Metamorphosis: The Buddhist converted. A psychosocial study with converted to the Buddhism of BSGI of São Paulo.** Master Thesis - Pontifical Catholic University of São Paulo.

Keywords: Identity, Metamorphosis, Religious Conversion, Buddhism, Social Psychology.

This paper aims to analyze the process of identity like metamorphosis, given the life history narratives of practitioners converted. Based on the theoretical concepts of Antonio da Costa Ciampa, we will study the identity, considering the psychosocial elements contained in the life and conversion to a new religion, in this case Buddhism. Through semi-directed interviews, we try record the living memory of individuals, to understand the metamorphosis that marked the different sectors of their lives, new meanings that have to be allocated to these facts, how they perceive themselves and what has changed in the social sphere. Also, this paper shows a brief survey about the Buddhism in Brazil and worldwide, addressing the psychosocial aspects of religion, and the analysis of identity in relation to understanding the metamorphosis in life stories. In this perspective we seek to develop grounds for the application of theoretical proposal about the issue of identity as a metamorphosis in search of emancipation.

Introdução

O universo religioso no Brasil é bastante extenso e apresenta dados significativos, como nos informa o último censo em 2000 que constatou que 93% da população brasileira declaravam seguir algum tipo de religião. Talvez, por conta da miscigenação cultural, fruto dos vários processos imigratórios, encontramos em nosso país diversas religiões (cristã, islâmica, afro-brasileira,

judaica, budista etc). Por ser um Estado Laico, o Brasil apresenta liberdade de culto religioso e também a separação entre Estado e Igreja.

Dentro deste universo religioso, os dados do IBGE (2000) apontam que 73,6% das pessoas que se consideram terem algum tipo de religião em nosso país se declaram seguidores do catolicismo. Vale a pena lembrarmos, que a religião Católica foi introduzida pelos missionários que acompanharam os exploradores e colonizadores portugueses nas terras de um território recém-descoberto, com a catequização dos índios, escravos e todos que imigravam para ex-colônia portuguesa. (SOUZA, 1986).

Levantamentos de dados estatísticos, como o do IBGE de 2000, apontam um crescimento em todo o País, no que se refere às conversões religiosas, entre as quais chamamos atenção às “outras religiões”, que para nossa pesquisa tornam-se uma opção bastante atrativa. Pois este dado revela um significativo *ethos* cultural, no qual as pessoas, mesmo frequentando outras denominações religiosas, ainda se declaravam católicas, talvez pela tradição ou até por imposições familiares etc. Porém na atualidade, já se pode observar que se assume mais essa troca de religião. Com base nas últimas atualizações do IBGE (2000), o gráfico apresentado abaixo mostra-nos percentuais relativos ao crescimento e declínio em número de adeptos em relação às crenças religiosas.

Em porcentagem da população

Crença religiosa	**1980**	**1991**	**2000**
Católicos apostólicos romanos	89,0	83,0	73,6
Protestantismo	6,7	9,0	15,4

Ateísmo e Agnosticismo	1,9	5,1	7,4
Espíritas	0,7	1,3	1,3
Afro-brasileiros	0,6	0,4	0,3
Outras Religiões	1,2	1,2	1,9

(IBGE : 1980, 1991, 2000)

Analisando esse emaranhado das relações sociais surgiu a discussão sobre a questão da identidade de brasileiros convertidos ao Budismo, uma vez que, como já observado em outras pesquisas, existe um razoável número de pessoas que estão em busca de mudança neste campo religioso, como nos aponta Guerreiro (2006). No Brasil a idéia de religião está extremamente ligada à Igreja, principalmente a católica, que de certa forma ainda exerce uma forte influência em nossa sociedade. Porém a pesquisa de Guerreiro (2006) aponta que o campo religioso está passando por uma grande transformação, em que se percebem as desconstruções de suas características tradicionais, que em um constante movimento, através das conversões e das novas opções religiosas, ocupam novos espaços que podem caracterizar uma nova aparência e forma de existir na sociedade.

Segundo Usarski (2004), o budismo não depende da disponibilidade do indivíduo para aderir preferencialmente ou, até mesmo, exclusivamente, a uma determinada comunidade budista, dizendo a respeito disso “que o Brasil é visto como um país cujos habitantes mostram em grande escala uma ‘múltipla afiliação religiosa’ devido a uma mentalidade coletiva na qual o ‘ecletismo é profundamente enraizado’.” (USARSKI, 2004:55).

Outro aspecto que também ocorre no Brasil é que em alguns templos budistas japoneses fundados por imigrantes, os ministros especialistas na religião, atraem famílias de descendentes aos cultos tradicionais, realizando-os na sua língua de origem, como forma de manter a tradição. Porém não impede que os familiares de descendentes que tenham outra opção religiosa. Já no caso da instituição budista Soka Gakkai, - conhecida por seu fervor proselitista, baseado em uma estrutura organizadora elaborada e eficaz -, embora sua cúpula esteja formada predominantemente por japoneses e descendentes, verifica-se que 90% de seus membros não têm ascendência japonesa. (USARSKI, 2004).

O que nos informa os dados estatísticos do IBGE (2000) com 214.873 brasileiros "brancos", "pardos", "pretos" e "indígenas" declararam-se budistas. Curiosamente, no contato com a instituição budista Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI), o senhor Antonio Ioshio Nakamura (2009), responsável pelo Núcleo de Estudo de Religiões (órgão interno da BSGI) e Vice Presidente da BSGI, afirma-nos que no Brasil o número de membros associados cadastrados oficialmente chega atualmente próximo a 135.000 membros. O que consolida a instituição budista BSGI como predominante no Brasil e responsável pela maioria das conversões em brasileiros.

Entre tantas mudanças e conversões religiosas, Guerreiro (2006) apresenta-nos os novos movimentos religiosos (NMR), que mesmo ainda relativamente pequenos, acabam oferecendo uma grande diversidade em termos da religião; hoje em dia, seja pela diversidade ou as opções de escolha, nota-se um forte crescimento no número das religiões e instituições religiosas que se espalham pelo país. A consequência dessas mudanças é o aumento estatístico do número de conversões religiosas.

Com base na efervescência religiosa ligada às “outras religiões”, especificamente ao budismo da BSGI, uma pesquisa de identidade torna-se algo bastante relevante a ser estudado. Seja por conta dos dados estatísticos ou pelas histórias de luta e desafio frente às escolhas do cotidiano, o fato é que optar por ser praticante do budismo em um país tradicionalmente católico e desprender-se dos costumes religiosos enraizados em uma cultura são aspectos que podem até ser vistos como uma emancipação, porém se faz necessária a realização de uma pesquisa, para observar o processo destas escolhas e suas influências nos aspectos sociais deste mundo da vida no qual estamos inseridos.

Neste contexto, as contribuições de Paiva (2004) apropriam-se dos estudos de identidade religiosa em vias de formação ou de transformação, para que possam ser melhores observadas as possibilidades de descrever uma identidade religiosa, sob os fenômenos da transformação profunda ou superficial, também frente às escolhas de uma definição religiosa, que nos permite observar o movimento desta quando a pessoa deixa de aderir a um grupo religioso e adere a outros.

Na intenção de promover uma boa discussão, sobre tais aspectos apresentado, o presente trabalho está subdividido em três Partes:

A primeira parte desta dissertação preocupou-se em apresentar os elementos e dados para possibilitar uma breve visão da evolução histórica do budismo, com suas tendências doutrinais e sua prática, seja em sua expansão e adaptação às culturas do Ocidente, em particular em São Paulo, por conta da expansão do budismo no Brasil. Tendo-se este panorama como pano de fundo,

pode-se entender melhor a inserção da instituição budista Soka Gakkai Internacional na identidade de seus conversos.

Na segunda parte passa-se à discussão da questão psico-social da identidade convertida, de modo a permitir a elaboração do núcleo central da dissertação que se refere à pesquisa empírica propriamente dita. A temática da conversão é inicialmente problematizada em termos da necessidade de sua contextualização, da qual decorrerão os itens seguintes que abordam os modos de uma conversão. Ademais, esta segunda parte mostra-nos um recorte dos aspectos históricos sociais sobre a religiosidade no Brasil, dados estruturais para descrever e localizar o fenômeno estudado.

A terceira parte basicamente preocupou-se em localizar o fenômeno em seus aspectos psico-sociais, abordando o desenvolvimento da conceituação de identidade, proposta por Antônio da Costa Ciampa, como um processo permanente de metamorfose em busca de emancipação. Tais concepções poderão ser analisadas nas narrativas de história de vida dos praticantes convertidos ao budismo da instituição Soka Gakkai do Brasil.

Nessa perspectiva de trabalho, apropriamos-nos do modelo de pesquisa qualitativa utilizada na psicologia social, a respeito da qual Ciampa (2001) fala: “Uma pesquisa sobre a questão da identidade, em que, depois de um estudo de caso, juntamente com a análise de uma personagem literária, é desenvolvida uma longa reflexão teórica sobre o tema”. Para entender esta questão de identidade mencionada pelo autor, buscamos no campo de pesquisa a realização de entrevistas com narrativas de histórias de vida de membros da instituição Soka Gakkai do Brasil (BSGI). Para isso, foram contatados vários membros desta organização e selecionado três deles para as entrevistas, a fim de realizar o trabalho sobre identidade, que focaliza a conversão, buscando compreender o que isso significou para o entrevistado.

Pretendemos, através de entrevistas realizadas, registrar a memória viva dos indivíduos, compreendendo as metamorfoses que marcaram os diferentes setores de suas vidas; novos significados que passaram a atribuir a estes fatos; como se percebem e são vistos pelos membros frequentadores; o

que mudou nas esferas familiar, social e profissional, dentro das distorções de linguagem, muitas vezes implícitas nos discursos. Este é um método aplicado por Ciampa na análise do sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação, no que se refere a compreender as metamorfoses nas histórias de vida. Nesta perspectiva buscaremos desenvolver fundamentos para a aplicação da proposta teórica sobre a questão da identidade como metamorfose em busca de emancipação.

PARTE - I

BUDISMO: HISTÓRICO, TRAJETÓRIA NO BRASIL E NO MUNDO

1.1-Breve histórico do Budismo

Durante a pesquisa foi verificado que historicamente não há escritos que revelem com exatidão o nascimento do Budismo no mundo, porém entre os mais diferentes autores e as datas de pesquisas, entre eles Eckel (2009), Santos (2003), Rocha (2000), Gethin (1998), Gonçalves (1992), Gard (1964), notamos um consenso, ou melhor, uma aproximação de dados e informações sobre a história do Budismo, que, segundo eles, passa a existir no século VI antes da era cristã, aproximadamente entre as datas de 556 a.C a 522 a.C, momento em que a Índia vivia uma febre de desenvolvimento nas mais diferentes áreas, campo das idéias, sobre artes, ciências e até as guerras. Em meio a tantos acontecimentos, nasce na Índia, um menino chamado Siddharta Gautama, filho da Rainha Maya, sendo o herdeiro do trono do clã Sakyas. Segundo a história, desde a juventude sofre de uma grande angústia espiritual e, motivado a encontrar respostas dos fenômenos da vida, aos 29 anos de idade, abre mão de seu reinado, esposa, filho e riqueza para sair em busca dessas respostas; após muita procura e profunda meditação, percebe que no universo todo os seres humanos, incluindo ele, estavam irremediavelmente condenados aos quatro sofrimentos da vida, sendo eles, o nascimento, a velhice, a doença e a morte. Essa busca de tais fenômenos foi o que o levou ao estado de “Buda” (iluminação, sabedoria) para compreender a relação com o meio em que vivem e com o que possuem as pessoas; após atingir a iluminação troca seu nome para Sakyamuni, o “Sábio dos Sakyas” e baseado em suas próprias vivências, dedica sua vida em prol da propagação dos ensinamentos budistas, reunindo um grande número de discípulos e simpatizantes, que o reverenciaram como um grande mestre até sua morte aos 80 anos de idade.

Sakyamuni Buda, o assim conhecido príncipe Siddharta Gautama, propagou, entre seus ensinamentos, a condição de Buda, sendo que todos os que alcançassem este patamar, estado ou estágio, compreenderiam a vida e teriam condições para a transformação de seu destino. De acordo com os escritos do budismo, a condição de Buda está latente em todo ser humano, mais precisamente em todos os seres, seres vivos (animal, vegetal) e seres do reino mineral. (SANTOS, 2004).

Em uma sociedade de castas como a Índia, os ensinamentos do buda se dirigiram a todos, independemente de sua posição social. E através de suas exposiçõs da verdade da experiencia até a iluminação, reuniam discípulos neste caminho de adepto, o que fazia crescer o número de conversões, chegando em pouco tempo a 60 monges para se formar uma comunidade. O próprio Buda Sakyamuni prosseguiu caminhos como andarilho, percorrendo a planície gangética da Índia central, decidido a levar ensinamentos irradiante com explanações, orientações espirituais e incentivos aos discipulos e a todos os que se aproximavam. (SILVA, 2002)

Talvez uma de suas principais caracteristicas é não ser “teísta”, ou seja, não reverenciar a Deus ou a um ser Supremo, diferentemente do que se observa nas religiões monoteístas. O budismo tornou-se conhecido popularmente como um sistema ético, religioso e filosófico, em que o propósito fundamental é fazer as pessoas despertarem para as “verdades”; a iluminação, em outras palavras, tornar-se um Buda. Porém, como em outros sistemas de pensamento religiosos, o budismo chega a criar uma tendência de ver seu fundador como um ser transcendental, digno de adoração. E a adoração a Sakyamuni como um ser extraordinário depreciava o valor dos próprios sutras budistas; Sakyamuni deixou em seus ensinos "Confie na Lei e não na pessoa", que o que ignorasse seus ensinamentos fundamentais era visto como duvidoso.(SANTOS, 2004).

Aproximadamente um século depois do falecimento do Buda Sakyamuni, surgiram as primeiras divisões na comunidade budista, que somaram o número de dezoito “*nikayas*” (escolas) rivais, das quais sobreviveu somente a Theravada, fortemente tradicional no sul da Ásia. O Budismo Theravada (também chamado Hinayana, ou "Pequeno Veículo") estabeleceu-se no Sri Lanka (Ceilão), Birmânia, Tailândia, Laos e Camboja. Considerava-se a mais fiel doutrina originária, com valorização da comunidade monástica (*Sangha*) e a meditação solitária; acreditavam que a salvação era a obra exclusiva de cada um, logo não desenvolveram cultos religiosos. Uma outra forte escola surge do próprio sucesso da Theravada; já na era Cristã o Budismo Mahayana ("Grande Veículo") ganhou destaque na China, Tibete, Vietnã, Coreia do sul e Japão. Em contraste com o ascetismo doutrinário Theravada que aceita o monopólio

espiritual dos monges, a tradição Mahayana tem uma perspectiva mais universalista, acredita que todos os fiéis, inclusive os leigos, têm direito à salvação, o estado perfeito de libertação (nirvana). (ECKEL, 2009).

De sua origem marcada na Ásia, até a atualidade, sobre o budismo são constatadas as mais diferenciadas formas de crenças, práticas, literaturas filosóficas e doutrinas budistas que se espalharam pelos mais diferentes ambientes sociais e países, que religiosamente influenciaram muitas culturas e modos de vida religiosa. Durante os séculos VI ao I a.C o Buda era encarado como um mestre, grande homem e governante universal, respeitado e venerado popularmente. Depois transformado em crença e celebrações (culto ao Buda), que expressava facilitação à fé. O *Dhamma/Dharma* de Buda tornou-se afirmação doutrinária e interpretações escolásticas, começando a surgir textualmente em Páli, Sânscrito e Sânscrito Híbrido Budistas, nesta ocasião aconteciam diversas conferências realizadas na Índia, ao que afirma sua tradição. Nas palavras de Gard:

> O "ascetismo budista" tornou-se institucionalizado como sanghas (comunidades) nikayas (grupos) em diversos países, em geral mantendo estreita cooperação com o reinado, que era a forma dominante de autoridade política. Também nesse período o trabalho cultural budista, obteve progresso notável e estabeleceu seu lugar tradicional na herança da arte na Ásia. (Gard, 1964:18).

Como nos mostra a historia, do século V a X d.C. o budismo expande principalmente da Coréia e China para o Japão, da índia para o Nepal e Tibet. A expansão do budismo era feita pelos peregrinos e sábios budistas, que obtiveram um aumento significante por todo continente asiático. Gard (1964) aponta que tal período, para muitos, foi o mais importante na história do budismo, pois mais tarde, entre os séculos XI e XV as instituições budistas foram desaparecendo ou sendo substituídas por práticas do hinduísmo ou Islã

na maior parte da índia e Ásia central. Os conceitos e cultos de Buda expandiram-se em doutrina, prática e formas artísticas, a literatura budista continuou a ser escrita, estudada e publicada como coleções canônicas e em todas as regiões e instituições do *Sangha*, que se achavam sujeitas a perseguições ocasionais, atritos sociais e reformas monásticas. Na ocasião as artes culturais budistas apresentavam realizações notáveis na Birmânia Camboja, Ceilão, Kamakura e em muitas cidades, províncias e países.

As práticas e instituições budistas tradicionais passaram por transformações radicais em suas crenças durante os séculos XVI a XIX, por conta do colonialismo europeu, pelas idéias, valores ocidentalizados, pela tecnologia moderna e reformas educacionais. Mesmo assim, mantiveram seu lugar em suas diversas respostas ou reações aos desafios apresentados. As concepções e cultos do Buda são questionados a partir de pontos de vista não-budistas, o *Dhamma/Dharma* de Buda é reinterpretado por sábios não tradicionais e o *Sangha* é condicionado por formas relativamente novas de interesse político e público. (GARD, 1964).

Devido a aculturação dos ensinamentos budistas que se propagaram pelas mais diferentes regiões, as duas principais escolas *Theravada* ou "Pequeno Veículo" e *Mahayana* ou "Grande Veículo", desenvolveram novas correntes que deram origem a escolas no Tibet, China e Japão. A escola *Mahayana* mais conhecida é o Zen, cujas as principais caracteristicas são a não aceitação de práticas violenta e propagar estrategias gradativas de caminho espiritual, atrelado em práticas do *zazen* (meditação) na busca do satori (realização súbita da iluminação); O budismo *Vajrayana* "Veículo do diamante" ou budismo tântrico, também extensão do *Mahayana* é presente em diferentes países, porém está concentrado no norte da Índia onde o Dalai-Lama projeta sua presença no mundo, basicamente se caracteriza pela adoção de práticas próprias na qual é caracterizado como um budismo esotérico por conta dos símbolos e imagens; No Japão, surgem reformadores religiosos e sociais como

os Shinram e Nitiren, cujos pensamentos abriram portas à nova linha de pensamento budista. (GONÇALVES, 1992).

Segundo Pereira (1997), o Budismo, especialmente o japonês, tende a ser sincrético, pois a história mostra que influenciou e se apropriou de outras tradições religiosas, tais como, o Xintoísmo, Confucionismo, Taoísmo e crenças populares, além de ter patrocinado e estimulado cultos extremamente sincréticos como é o caso dos *Ryôbu Shintô* (Xintoísmo Dual) e *Shugendô* (ordem dos ascetas montanheses). Entre outras linhas de pensamento budista, daremos ênfase para o Budismo ou seita de Lótus, conhecida primeiramente no Japão, fundada por Nitiren Daishonin, por conta de servir de base filosófica à instituição budista que aqui estamos pesquisando. Filho de pescador, Nitiren viveu e faleceu no Japão de (1222 a 1282), ingressou aos seis anos de idade no sacerdócio, depois de um período de intensos estudos, chegou à conclusão de que todas as pessoas podem manifestar seu máximo potencial por meio de seus próprios esforços. Sua linha budista reconhece e enfatiza a supremacia do Sutra de Lótus sobre os outros ensinos budistas, logo em seu exílio na ilha Sado, elaborou o *Gosho* (testamento), *Kaymokusho* (abertura dos Olhos), na qual descrevia a sua missão de apoiar o Sutra de Lotus e levar ensinamentos ao povo do Japão. Baseado em tais pesamentos e após vários anos de estudo, Nitiren tornou pública sua recitação, declarando que o *Nam Myoho Renge Kyo* é o âmago da doutrina budista e que somente por meio de sua prática é possível, aos seres que vivem nos últimos dias da Lei “Fim do *Darma*”, alcance um estado de vida de felicidade suprema e inabalável, o estado de Buda. (BRASIL SEIKYO, 2006).

Também conhecida como seita Nitiren, a prática budista no lugar do *nenbutsu*, adaptou a recitação do “Sutra do Lótus” e o “*Nam Myoho Renge kyo*”. E ao sair do exílio em 1274, regressou a Kamakura e percebeu que suas recomendações não eram consideradas. Retirou-se então para o Monte Minobu, onde faleceu em 1282. Mais tarde sua doutrina conquistou um grande

número de fiéis e se tornou um Budismo popular, que serve de origem para outras ramificações. (GONZAGA, 2006).

1.2-O Budismo no Brasil

Assim como as outras denominações religiosas estrangeiras é somente após a Constituição Republicana em 1891, que se ouve falar em Budismo no Brasil, mais precisamente em 1908 com a chegada de imigrantes japoneses. Porém, segundo Usarski (2002) o budismo está presente há quase duzentos anos, Pois no ano de 1810 o Brasil criou um acordo de trabalho temporário com os chineses em terras brasileiras; por conta desse acontecido é que existem forte indícios de adeptos ao budismo antes do Brasil republicano. Por mais de cem anos no Brasil, o budismo se destaca por conta do grande número de imigrantes japoneses. Nesta mesma ocasião, existiram também migrações de brasileiros ao oriente, nas quais surgem as primeiras pessoas com interesses pela prática budista, pela filosofia, literatura, música e demais artes culturais do oriente. Mas principalmente nas últimas décadas, de maneira cada vez mais acelerada, o Budismo delineado por seu fundador Siddharta Gautama como doutrina universal, vem se espalhando fora de sua região de origem e cada vez mais ganhando força no âmbito ocidental. (USARSKI, 2002).

Diante de tantas características singulares, atualmente o Brasil abriga a maior colônia estrangeira de japoneses e descendentes, conforme Pereira (2004:512); estima-se que “ha uma grande mistura em torno dos grupos xintoístas, budistas e outros, o que faz o país ter também, a maior expansão das religiões japonesas fora do Japão”. Comenta o autor que possam existir

grupos religiosos, grupos ético-morais que não sejam organizados formalmente como religiões, mas possuam trabalhos missionários voltado especificamente para a comunidade nipo-brasileira e ainda alguns grupos foram criados no próprio Brasil por japoneses ou nisseis, homens e mulheres, dotados de poderes mediúnicos na qual a maioria destes é tendencialmente xintoísta, mas não deixa de incorporar diversos elementos do universo religioso brasileiro (principalmente católicos, os espíritas e umbandistas). (PEREIRA, 2004).

No entanto o budismo no Brasil não é tão difundido entre os descendentes de japoneses, já que em sua maioria são católicos, conforme dados estatisticos do IBGE (2000). Há os templos budistas japoneses, fundados por imigrantes, ministrados por especialistas religiosos formados no Japão e frequentados por famílias de descendentes atraídos por cultos tradicionais realizados na sua língua de origem. Cada vez mais se tornará um espaço diferenciado, longe de uma religião específica, o que nos leva a pensar na decadência no Budismo tradicional no Brasil, como nos refere Gonçalves:

> Na prática, é fácil perceber que os descendentes de japoneses pouco se interessam pelos templos budistas: estão mais preocupados em se integrarem na sociedade brasileira do que em manterem as tradições de seus ancestrais. Assim, não será um exagero dizer que, quando o último imigrante falecer, só resta aos missionários budistas fecharem os templos e regressarem ao Japão, sendo interessante recomendar ainda ao último apartir que desligue a luz antes de seguir para o aeroporto. (GONÇALVES *apud* USARSKI, 2004:135).

Em contra partida, os segmentos Budistas ligados à Nitiren alcançaram uma enorme difusão no país, principalmente por terem como meta e objetivo proporcionar o budismo para todas pessoas, sem restrições, como o budismo Primordial HBS (Honmon Butsuryu-Shu) e a Soka Gakkai. Baseam-se nas arfimações de Usarski (2002), estima se que no Brasil, existam cerca de 160 grupos budistas, com as mais diferentes orientações religiosas, em que se

distinguem tamanhos e nível de organização. Em São Paulo, por exemplo, o Budismo tradicional é representado principalmente pelas escolas tibetanas; há desde os círculos pequenos como a Casa de *Dharma*, *Theravada* aos mais frequentados, templos da Amida-Budismo, como o do Higashi Honganji, com um grande número de centros afiliados pelo Brasil. Entre elas, a primeira instituição do Budismo no Brasil foi de origem japonesa a HBS (Honmon Butsuryu-Shu) estabelecida em 1936. (USARSKI, 2002).

Segundo Shoji (2004) as proporções das Correntes Budistas no Brasil se encontram distribuída em diversas partes, sendo liderada pela Nitiren com 34%, Shim 24%, Vajrayana 16%, Zen 10%, Chan/ Pure-Lnad 4%. Ecumênica 3%, Theravada 2%, Shingom 2% e Outros 5%. Tais dados coincidem com as organizações budistas que tem com objetivo proporcionar o budismo a todas as pessoas, a HBS (Honmon Butsuryu-Shu) e a SGI (Soka Gakkai Internacional), ambas as instituições são da corrente budista de Nitiren Daishonin “um Buda Japonês”.

Com a chegada dos imigrantes japoneses no Brasil houve uma maior visibilidade do Budismo nipônico, o que continuou por várias décadas restrito a esse grupo étnico, caracterizando assim um movimento religioso fechado, que era aberto apenas aos imigrantes e seus descendentes. Talvez por conta disso, não se notam datas no inicio do século, no que se refere a atividades do budismo no Brasil. Como nos mosta a literatura, o budismo começa a ganhar mais visibilidade no país depois da segunda guerra mundial, quando os imigrantes japoneses estabeleceram contato com as sedes das ordens budistas no Japão e em 1952 se institucionalizam como grupo de budistas japoneses no Brasil. (GONZAGA, 2006).

Um outro aspecto bastante relevante, além de existirem muitas denominações budistas no Brasil; são os imigrantes japoneses terem se espalhado pelo interior de São Paulo e de outros Estados, principalmente para trabalhos na agricultura, mas que de certa forma os distanciavam de uma cultura mais forte. Conforme Gonçalves (2002), de uma forma lenta, foram constituidos os primeiros templos e as primeiras associações culturais

japonesas, nas quais algumas delas eram apenas mantidas as origens culturais; assim como o budismo outras atividades religiosas ganharam espaço com os imigrantes. E desta maneira o budismo ganhou mais autonomia e espaço, permitindo cada vez mais a entrada dos não descendentes, que se convertiam e propagavam o Budismo; esse fenômeno é chamado pelo autor de *ocidentalização*. Este budismo ocidentalizado marca-se pela adaptação e incorporação de práticas à cultura ocidental, de um modo um pouco tímido dentro do âmbito tradicional, mas não tanto como a linha budista étnica Japonêsa, que por conta dos numerosos conversos, proporcionou mais força aos cultos Neo-Budista ou "novas religiões japonesas"; um budismo que atualmente é encontrado por todo Brasil com predominio do membro não descendente oriental, como exemplo a instituição Soka Gakkai presente desde a década de 60. (GONÇALVES, 2002).

Entre as muitas denominações budistas no Brasil, existe a Soka Gakkai Internacional (BSGI), que se enquadra fora do ambiente étnico, tem cerca de 90% de seus membros sem ascendência japonesa e é conhecida por seu fervor em diálogos baseados em uma estrutura organizadora elaborada e eficaz; neste mesmo segmento, encontra-se também a "New Kadampa Tradition" fundada por Geshe Kelsang Gyatso, cuja versão do Budismo é divulgada no Ocidente através de um movimento estritamente padronizado e estratificado em graus cada vez mais elevados no sentido de conhecimento e responsabilidade interna, cujos níveis mais avançados são representados por monges e monjas facilmente identificáveis por suas roupas tradicionais tibetanas. (USARSKI, 2004).

Segundo Shoji (2002), nos últimos anos tem se intensificado a presença do Budismo no ocidente; entretanto, sobre os brasileiros convertidos ao budismo, chega a apontar uma discrepante controvérsia, na qual podem variar de 230.000 a 1.000.000 pessoas que representam alguma doutrina Budista no Brasil, sendo que destes dados mais de 38% de brasileiros convertidos não apresentam descendência oriental, embora a maior parte dos grandes templos e instituições Budistas, ainda seja controlada

hierarquicamente e financeiramente pelos imigrantes ou por seus descendentes diretos. Conforme Usarski (2002) também há um aumento significativo na publicação de livros destinados a esse público, cada vez mais se ouve falar nas práticas budistas aplicadas como recursos alternativos de cura, na área de saúde e relatos, que na busca de promover a harmonia entre os empregados e aumentar a produtividade, foram organizados workshops budistas em muitas empresas.

Embora os dados estatísticos do IBGE apontem que 236.408 declararam-se budistas em 1991, no ano de 2000, o número havia caído para 214.873. Uma redução de 9,1 %, que poderiam caracterizar muitos motivos, como por exemplo: O budista simpatizante, que por não ter a conversão religiosa oficial não entra nos dados estatístico. Curiosamente, no contato com a instituição budista Soka Gakkai do Brasil, o senhor Nakamura, Vice Presidente da BSGI e responsável pelo Núcleo de Estudo de Religiões (órgão interno da BSGI), nos informou que no Brasil o número de membros associados, oficialmente cadastrados, chega próximo a 135.000 atualmente. Diante os dados apresentados, nos chama atenção a controvérsia apontada por Shoji (2002), pois o número de membros praticantes da instituição budista Soka Gakkai, atualmente chega próximo ao número de budistas no Brasil, isso sem contar as outras instituições budistas. Desta forma, será possível dizer que há um crescimento de pessoas que estão envolvidas com algum segmento budistas no Brasil.

Neste sentido, afirma Usarski (2004) que “no seu extremo, o Budismo transforma-se em uma ‘religião invisível’, adotada por um público que possui as mesmas características atribuídas a uma *audience”*. Que dentro de um de seus artigos nos apresenta Gabriela Bastos Soares com uma contribuição importante para um entendimento, sobre o budismo no Brasil:

> O budismo é visto como componente do cosmos sagrado da atualidade. Os principais aspectos que contribuem para essa afirmação são: o exercício a nível individual, privado,

> reconhecido como uma *psicologia budista*; o *pragmatismo* desse tipo de religião, fundamentada em regras úteis para o mundo; e a relação com outras pessoas e com o universo, que enaltece uma cosmovisão holística. (SOARES *apud* USARSKI, 2004:307).
>
> Os enunciados expressam que o budismo possibilita ao homem experimentar e construir por si o conjunto de suas motivações religiosas. Como o cosmos sagrado atual permite a recorrência a temas heterogêneos ao religioso, cada um pode compor seu universo de sentido de forma particular - abertura para a variedade de fontes que o budismo valoriza. (SOARES *apud* USARSKI, 2004:307).

Shoji (2004) nos mostra a distribuição geográfica das instituições budistas no Brasil, na qual São Paulo apresenta a maior concentração de membros budistas com 51%, Rio de Janeiro 11%, Paraná 10%, Rio Grande do sul 5%, Minas Gerais 4%, Distrito Federal 3% e Outros somam 16%. Os dados apontam que os estados referidos são os de maior preferência aos imigrantes japoneses e seus descendentes, talvez por conta das colônias feitas no período da imigração; o fato é que o crescimento do budismo no Brasil, no aspecto geográfico, cresce próximo aos imigrantes japoneses.

1.3 A instituição budista Soka Gakkai Internacional (SGI)

A Soka Gakkai é uma organização de leigos que visa à promoção de valores como a paz e o respeito humano. Foi no ano de 1930 na região de Tóquio Japão, que os Professores Tsunessaburo Makiguti e Jossei Toda, deram o inicio à construção de uma organização, conhecida no primeiro momento como Soka Kyoiku Gakkai (Sociedade Educacional de Criação de

Valores) que, embasados nos ensinamentos budistas eram convertidos e somados aos conceitos pedagógicos, que explanavam aos leigos a filosofia budista, na forma de respeito à dignidade da vida. Mais tarde, com um crescimento significativo de pessoas atraídas pelas idéias dos mestres, no ano de 1937 em uma cerimônia oficial, fundam a organização Soka Gakkai (Criação de Valores), na qual era revelada a forte influência da filosofia humanística do Budismo de Nitiren Daishonin, como base principal de todos seus ensinamentos e seus conceitos; os principais destes são: a dignidade e a igualdade inerentes a todos os seres humanos; a unidade da vida e seu meio ambiente; o inter-relacionamento das pessoas que fazem do altruísmo o caminho viável para a felicidade pessoal; o potencial ilimitado de cada pessoa para a criatividade, e o direito fundamental de cultivar o “auto-desenvolvimento” por meio de um processo de reforma auto-motivada chamada "revolução humana”. (BSGI, 2004).

Durante a segunda guerra mundial os cidadãos japoneses da época eram obrigados a abraçar o Xintoísmo como única forma religiosa do País. O Imperialismo Japonês era Xintoísta e tinha interesses na guerra e com o objetivo de unir a população e aceitar seus interesses, as pessoas que não aderiam às idéias do império eram perseguidas e presas. Por conta disso, houve um grande número de pessoas presas e exiladas, assim como os lideres da Soka Gakkai, Makiguti (1871- 1944) que após dezessete meses em confinamento acaba falecendo e seu companheiro ideológico Jossei Toda (1900-1958) que só foi libertado a um mês do cessar fogo em julho de 1945. Praticamente reinicia a construção da associação Soka Gakkai e ao longo de doze anos concretiza mais de 765 mil conversões de famílias por todo o Japão. Dois anos após o falecimento de Jossei Toda, o jovem Daisaku Ikeda assume como terceiro presidente da Soka Gakkai e com objetivo de expandir o budismo, viaja para as Américas, local onde estruturou a organização budista em quatro diferentes países, entre eles o Brasil. E diante da grande expansão pelo mundo, em 1975 a Soka Gakkai é intitulada como Soka Gakkai Internacional (SGI), sendo reconhecido internacionalmente como associação

não-governamental filiada à Organização das Nações Unidas (ONU), que desenvolve atividades voltadas à paz, à cultura e à educação. (BSGI, 2004).

Segundo dados fornecidos pelo Vice Presidente da BSGI, Antonio Ioshio Nakamura (2009), responsável também pelo Núcleo de Estudo de Religiões (órgão interno da BSGI), a Soka Gakkai Internacional (SGI), atualmente encontra-se presente em 192 países e territórios. É reconhecida como uma organização de leigos, ou seja, não tem vínculo com nenhum clero, embora todos os associados se considerem como praticantes de uma religião, o Budismo de Nitiren Daishonin, com a aplicação da filosofia de vida do humanismo, revelado no sutra de Lótus de Sakyamuni.

A essência do movimento da SGI encontra-se no ideal da educação pela cidadania global, por meio de uma ampla variedade de atividades, tais como, a conscientização das responsabilidades para com a sociedade, com o meio ambiente e com o futuro do Planeta. Também pela promoção de intercâmbios culturais que buscam desenvolver os valores comuns, como a tolerância e a coexistência, que estão presentes de formas diferentes em todas as culturas e tradições. Essas atividades têm por base a premissa de que o senso comum de humanismo está fortalecido por meio de interações diretas com pessoas de diferentes culturas, mesmo que suas experiências e convicções sejam totalmente opostas. (BSGI, 2004).

A meta da SGI é criar um mundo no qual todas as pessoas desfrutem e experimentem a dimensão mais completa de sua dignidade como indivíduos, habitantes e cidadãos da Terra. Embasados na filosofia humanista, propagam às pessoas como o meio pelo qual as tendências destrutivas da ganância, da ignorância e do ódio podem se transformar em virtudes altruístas como coragem, sabedoria e benevolência. O triunfo de uma pessoa sobre as batalhas e os desafios pessoais resulta no potencial positivo e na realização da própria "revolução humana". Tornar-se feliz, dominar o medo e perceber como a vida de uma pessoa afeta a de outras são os objetivos do trabalho dos associados da SGI. (BSGI, 2004).

A Soka Gakkai internacional (SGI) mantém um contato direto em tudo que refere às instituições associadas; no Brasil são realizados intercâmbios com todos os membros e dirigentes, instruídos com cursos de aprimoramento, os associados se mantém informados através de atividades, impressos semanais, revistas e site eletrônico. Em todos os países e territórios em que a SGI encontra-se presente, o padrão é seguir as dez diretrizes principais, que são distribuídas aos associados como reflexão diária, assim como a pratica do Gongyo (recitação de sutra de Lótus) e Daimoku (recitação do Mantra). As dez diretrizes funcionam como um marco, na qual podemos observar abaixo, essas reflexões motivam e direcionam os membros da Soka Gakkai:

1. A SGI contribuirá para a paz, a educação e a cultura pela felicidade e bem-estar de toda a humanidade com base no respeito budista à dignidade da vida.
2. A SGI, com base no ideal da cidadania mundial, salvaguardará os direitos humanos fundamentais e não discriminará nenhum indivíduo.
3. A SGI respeitará e protegerá a liberdade de religião e a liberdade de sua expressão.
4. A SGI promoverá a ampla compreensão do Budismo Nitiren por meio de intercâmbios, contribuindo dessa forma para a realização da felicidade individual.
5. A SGI, por intermédio de suas organizações constituintes, encorajará seus membros a contribuírem para a prosperidade de suas respectivas sociedades como bons cidadãos.
6. A SGI respeitará a independência e a autonomia de suas organizações constituintes de acordo com as condições predominantes em cada país.
7. A SGI, com base no espírito budista de tolerância, respeitará outras religiões, travará diálogos e atuará em cooperação para a solução de questões fundamentais da humanidade.
8. A SGI respeitará a diversidade cultural e promoverá intercâmbios culturais para criar dessa forma uma sociedade internacional de cooperação e compreensão mútua.
9. A SGI promoverá, com base no ideal budista de simbiose, a proteção da natureza e do meio ambiente.
10. A SGI contribuirá para a promoção da educação, na busca da verdade e no desenvolvimento da ciência para capacitar

> as pessoas a cultivarem seu caráter e desfrutarem vidas plenas e felizes. (BSGI, 2003).

1.3- A SGI no Brasil: Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI)

A Associação Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI) é afiliada à SGI, fundada em 1960, pelo atual presidente da organização, Daisaku Ikeda. Segundo dados da própria BSGI (2009) ela atualmente encontra-se presente em todo território nacional, sendo representada por 67 Sedes Regionais em 17 estados, com o número de membros associados, oficialmente cadastrados, próximo a 135.000 e todos os líderes, nos diversos níveis da organização, atuam em caráter voluntário.

Nesses anos de existência, a organização BSGI realizou por todo país exposições, convênios com universidades, museus e outras atividades nas áreas de cultura e educação. A organização budista BSGI tem atraído um grande número de adeptos e inúmeros simpatizantes. Sendo que a maior parte dos associados é brasileira e sem descendência japonesa. (Pereira, 2002).

Segundo a organização budista BSGI (2003) suas diretrizes estão focada na promoção da paz, cultura e educação, que servem como sinônimo de felicidade e dignidade da vida. Sendo que a filosofia básica está centrada na "revolução humana", conceito que prega a necessidade de uma reforma interior do ser humano, que permite desenvolver a sabedoria para viver com confiança. No campo da cultura e das artes, a BSGI foi a principal responsável pela mostra "Eternos Tesouros do Japão", realizada em 1990 no Museu de Artes de São Paulo (MASP) e em 2006, no Museu Oscar Niemayer, em Curitiba, também realizou a exposição "Diálogos com a Natureza Fotografias de Daisaku Ikeda", por sua vez, a exposição "Desenhos das Crianças do Brasil e do Mundo", uma obra conjunta das organizações SGI, vem percorrendo várias cidades brasileiras com mais de 3,8 milhões de visitantes.

Devido a uma indagação comum entre as pessoas, se o budismo é religião ou filosofia, a BSGI (1993) se afirma como sendo uma religião e argumenta que o propósito original da religião é servir aos seres humanos. Esta é a razão de uma religião necessitar de um fundo filosófico, de uma religião necessitar ter uma filosofia. Em um âmbito individual, a BSGI incentiva a prática diária do Gongyo (recitação de sutra de Lótus) e Daimoku (recitação do Mantra), também promove atividades entre seus associados para trocar conhecimentos, inclusive com visitas familiares, objetivando um mútuo incentivo para que cada um possa vencer suas circunstâncias diárias. Podemos dizer que existe um conflito, devido às diferentes linhas existentes no budismo, que divide o campo dos grupos de origem japonesa em duas grandes "frentes", entre o Budismo Terra Pura e a Soka Gakkai.

Conforme a pesquisa de Usarski (2004), existem afirmações de que os discursos da Soka Gakkai “(...) são periodicamente repetitivos, nos quais os porta-vozes do Budismo Terra Pura negam o caráter budista da Soka Gakkai, pelo fato de ser uma das múltiplas ‘novas religiões japonesas’, cujo sucesso duvidoso deve-se a uma ‘estrutura organizacional’, semelhante a uma empresa, com técnicas agressivas de persuasão e um discurso milagreiro”. No entanto, mesmo a Soka Gakkai sendo um dos maiores movimentos leigos budistas do mundo, com seus mais de 120 mil adeptos brasileiros, e também pioneira na área da conversão e numericamente a mais forte no país, sua exclusão do conjunto dos grupos budistas legítimos não apenas reduz o verdadeiro peso estatístico do Budismo brasileiro pela metade, mas também prejudica a imagem pública de uma religião geralmente considerada tolerante e pacifista. (USARSKI, 2004).

PARTE - II

2.0- A CONVERSÃO RELIGIOSA: UMA QUESTÃO PSICOSSOCIAL NA REALIDADE HUMANA

Para lembrar o leitor, nesta segunda parte, passa-se à discussão da questão psico-social da identidade no processo de conversão; a conversão é inicialmente problematizada, sob aspectos históricos sociais e religiosos no Brasil, de modo que possa auxiliar e localizar o fenômeno estudado.

2.1 - Conceito de Conversão

Baseado na própria definição original do latim “conversione”, a conversão sempre foi um ato ou efeito que tem o significado de passagem de um grupo religioso para outro; a rejeição ou aceitação pública de certo número de atitudes; mudança de direção duma tropa em marcha. Tendo em vista a necessidade, com o tempo, o termo conversão foi apropriado como um conceito teórico-científíco da Psicologia e da Sociologia da religião, que em princípio, para os fins de nosso estudo, refere-se à afiliação de indivíduos a uma instituição religiosa antes desconhecida para eles. Pois nessa mesma perspectiva, na qual toda conversão tem sempre consigo um sentido de ação e mudança, nos apropriamos também dos estudos da sociologia, que nos revela, que toda ação atrelada a um sentido subjetivo no agir humano, poderá designar uma conduta humana; logo a interação de uma escolha individual, atrelada a escolhas de outros indivíduos resulta em uma ação social. Nas palavras de Weber (2002:55) “A ação, especialmente a ação social, e mais particularmente a relação social, pode ser orientada, de parte dos indivíduos, pelo que constitui sua ‘representação’ da existência de uma autoridade legítima”. Portanto são estas ações sociais, que legitimam o desencantamento ou até o encantamento a uma nova ideologia religiosa, a qual o indivíduo tem sua escolha.

Deste modo, podemos dizer que a conversão religiosa é um movimento, uma mudança a partir das quais as pessoas atribuem uma nova identidade religiosa, porém somente quem vivencia esse processo de conversão que pode demonstrar essas características de mudança, desta forma muitos revelam

uma oportunidade de repensar em sua vida, em sua história de vida. O sentido da conversão sugere mudança, seja por descontentamento, oportunidade, oferta, melhor entendimento religioso etc. Segundo a conceituação de conversão, descrita por James:

> Converter-se é regenerar-se, receber a graça, obter uma certeza são outras tantas expressões que denotam o processo gradual ou repentino pelo qual um eu até então dividido e, conscientemente errado, infeliz, inferior, se torna unificado e conscientemente certo, superior e feliz, em consequência do seu domínio mais firme de realidades religiosas.(JAMES apud SILVA, 2002:98).

São muitos os estudos que contribuem, com atribuições e significados, ao fenômeno da conversão religiosa, conforme Silva (2002); desde os primórdios da disciplina científica da psicologia, especificamente nos Estados Unidos, já existia o interesse em desenvolver uma psicologia da religião no intuito de se compreender a experiência religiosa e a conversão. Autores renomados como Hall (1881), Leuba (1896) Starbuck (1897), James (1901), Coe (1916), entre outros, dedicaram muitas pesquisas para este campo de estudos, que durante um período praticamente desapareceu, ressurgindo devagar, a partir dos anos setenta, no campo da psicologia social e na sociologia.

Diante destes aspectos, percebe-se que na atualidade, já existe um maior número de definições a respeito da conversão, que tentam exploram seu real significado; porém mesmo diante da proximidade conceitual são comuns as controvérsias. Duas conceituações, considerada mais atual, tentam expor melhor essa questão; a conversão religiosa para Diaz (2005) é a adoção de uma nova identidade religiosa, ou seja, o recomeço de uma nova vida religiosa, na qual alguns aspectos serão esquecidos. Com este mesmo entendimento Hervieu-Léger (2008) apresenta a conversão religiosa embasada em uma analogia, na qual a conversão religiosa é como a entrada de uma pessoa em uma nova família. Esta adesão pode até estar cheia de convicções, como

também esbarrar em muitas questões relacionadas aos costumes enraizados durante o processo de socialização. Interessante, pois, por mais que a conversão traga aspectos de uma “nova identidade”, a base estrutural da socialização primaria, sempre será a mesma para cada individuo. Talvez por conta dessa herança social que nos acompanha ao longo de nossa história, existam as misturas de religiões em uma mesma religião, mas isso é outro assunto a ser pesquisado.

Chamamos atenção aos aspectos da realidade da vida cotidiana, a qual se faz muito presente na questão da conversão religiosa. A qual os autores Berger e Luckmann (1974) apresentam-nos como sendo continuamente reafirmada na interação do indivíduo com os outros. A realidade é originariamente interiorizada por um processo social, que também é mantida na consciência, por estes mesmos processos. E a realidade subjetiva nunca é totalmente socializada, o que permite o indivíduo realizar suas mudanças, mesmo dentro de sua própria cultura. Tais mudanças são apontadas como alternação, que em suas palavras vão dizer:

> “A alternação exige processos de re-socialização. Estes processos assemelham-se à socialização primária, porque tem radicalmente de atribuir tons à realidade e por conseguinte devem reproduzir em grau considerável a identificação fortemente afetiva com o pessoal socializante, que era característica da infância.” (BERGER E LUCKMANN, 1974:208).

Para a concretização de uma conversão religiosa é necessário o individuo estar minimamente envolvido, por uma questão de identificação afetiva com a instituição religiosa, na qual incidem suas convicções e diretrizes para vida. Assim, como a alternação, o processo de conversão implica em uma reorganização no agir comunicativo, na qual a realidade subjetiva é transformada na medida em que há o dialógo com novos outros significativos. Logo para uma conversão plenamente consolidada, se faz necessária a manutenção através de um aparelho legitimador, que funciona, como uma espécie de suporte tecnico, que tenha disponibilidade de atenção para

esclarecimentos das possiveis duvidas que ocorrerão ao longo do processo.(BERGER E LUCKMANN, 1974).

2.2 - Modelos e Concretização da Conversão religiosa

Como já mencionado, existem diferentes modelos de conversão religiosa, à qual cada um deles agrega contribuições aos pesquisadores do tema “conversão religiosa”. Como no caso do pesquisador Dawnson, ao reestruturar o modelo de Lofland e Stark, que baseava suas pesquisas no relato e observação do recrutamento do novo membro. O autor acredita que a conversão ocorre a meio de uma “disposição micro-estrutural”, ou seja, os fatores situacionais e contextuais; o modelo Hood e Spilka, em que a conversão é referida como um processo complexo agrupado em quatro pontos principais: contexto, eventos precipitadores, atividades de suporte e participação/compromisso; o modelo Lofland e Skonovd, que tem como pretensão, a validade fenomenológica das experiências subjetivas e holísticas de conversão, embasadas no “motivo de conversão” e nas “dimensões da realidade”, são relacionadas a cada indivíduo; o modelo Rambo, que propõe três dimensões para conversão: tradição, transformação e transcendência, envolvendo diretamente os aspectos socioculturais, sentimentais e o sagrado. (SILVA, 2002).

Diante dos mais envolventes modelos de conversão religiosa, utilizaremos como base os estudos de Hervieu-Léger (2008), simplesmente por ser atual e didático para a compreensão do leitor. Segundo a autora, o mundo inteiro passa por essa crescente tendência religiosa, que infere contribuições bastante importante para nosso estudo; sua pesquisa revela uma existência de três figuras que retratam uma conversão religiosa.

O primeiro é carcterizado pelo indivíduo que "muda de religião", seja porque rejeita expressamente uma identidade religiosa herdada e assumida, para adotar uma nova ou porque abandona uma identidade religiosa imposta, mas à qual nunca havia aderido, para adotar uma nova; o segundo modelo de

conversão é a do indivíduo que, não tendo nunca pertencido a qualquer tradição religiosa, descobre, a partir de um caminho pessoal mais ou menos longo, aquela na qual se reconhece e à qual decide, finalmente, integrar-se; o terceiro modelo é a figura do convertido "reafiliado" ou "convertido de dentro“; caracterizado por aquele que redescobre uma identidade religiosa que permanecera até então formal. (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Diante os dados colhido nas entrevistas com os membros convertidos ao budismo da BSGI, percebemos que em ambos os casos existem aspectos de uma conversão por rejeição a identidade religiosa anterior, ou seja, para Hervieu-Léger (2008) é o indivíduo que "muda de religião" ao concluir que o principal motivo para uma pessoa se afastar de sua religião de origem é a decepção. E as principais justificativas são por considerar sua religiosidade alheia aos verdadeiros problemas atuais, incapaz de oferecer resposta a suas angústias reais e de lhe fornecer o apoio eficaz de uma comunidade. Nas palavras da autora, ela nos mostra uma percepção que ocorre com os que mudam para o budismo:

> Entre os convertidos ao budismo encontram-se inúmeros testemunhos de uma decepção em relação a um cristianismo, e particularmente a um catolicismo que não oferece aos indivíduos condições de satisfazerem sua busca espiritual, e tampouco o apoio de uma comunidade que partilhe a mesma necessidade de uma resposta ética pessoal aos problemas e às incertezas de um mundo submetido exclusivamente aos imperativos da tecnologia e da economia. (...) Mais uma vez, não é tanto o conteúdo claramente estereotipado dessas críticas que é interessante. É a maneira como aparece, nesta avaliação comparativa das diferentes tradições disponíveis, não somente a forte aspiração a uma integração personalizada em uma comunidade em que se é recebido como um indivíduo, porém, mais amplamente, um "direito à escolha" religiosa que toma o passo acima de todo dever de fidelidade a uma tradição herdada. (HERVIEU-LÉGER, 2008:110).

As entrevistas abaixo consolidam o aspecto do "direito à escolha" que a autora nos mostra, pois notamos nos discursos, momentos em que os entrevistados quebram paradigmas, chamam para si suas responsabilidades de mudança e transformação, legitimados pela conversão religiosa.

> *"(...) nós tínhamos dividas, o aluguel, despesas de casa e remédios do meu filho. Foi mesmo nesta época que fui convidada para uma reunião do Budismo de Nitiren Daishonin, fui lembro bem era uma tarde de domingo lindo, na primeira reunião já senti uma boa sensação que a partir deste dia iria transformar minha vida, meu carma de doença, falta de dinheiro. Fui orientada a recitar o Nan-myo-ho-rengue-kyo e me disseram que eu era responsável por minha mudança através de meus objetivos. Apartir deste dia comecei a recitar o Nan-myo-ho-rengue-kyo meia hora por dia e no dia 29 de agosto de 1982 recebi meu Gohonzon, foi muito importante conhecer e abraçar o sutra de lótus praticando esse budismo, por que aprendi muito com o budismo (...)"* (Andréia, 50anos).

Como podemos observar, na entrevista de Andréia, seu discurso remete ao fato de que sua religião anterior foi incapaz de oferecer-lhe respostas às suas angústias. Já convertida ao budismo, se percebe capaz, atribuindo-se coragem e responsabilidade por sua conduta. Afirma Hervieu-Léger (2008:108) que a "conversão cristaliza ao mesmo tempo um processo de individualização, (...) o desejo de uma vida reorganizada (...), um protesto contra a desordem do mundo."; tais aspectos que denotam a particularidade de muitas conversões religiosa, pois sempre serão muitas e terão as mais diferentes justificativas.

> *"(...) foi o budismo que me levou a conversão, foi que por um momento eu criei muitas dúvidas com relação à questão do Deus. Porque meu maior problema aqui em São Paulo era a moradia, tentei morar com muitas pessoas e não deu certo,*

muita gente desonesta, oportunista que não respeitava você, já cheguei pensar que o problema era eu (...) tive problemas com a minha chefia, problemas de perseguição, problemas pessoais e (...) ai chegou uma hora que tomei essa decisão: que eu iria criar o meu espaço para eu realmente morar sozinha, então criei uma luta muito grande diante de Deus e fiquei questionando se realmente Deus é tão fiel, tão verdadeiro, porque então eu não consigo ser ouvido diante de tanta dificuldade, porque eu aprendi desde a minha infância que os meus problemas eu tinha que resolver sozinha (...) pela primeira vez na prática eu procurei a comunidade (budista) para pedir ajuda para superar isso e aprendi a transformar na minha prática budista os sentimentos então nesse momento que foi o meu primeiro ano de prática os sentimentos que te paralisam raiva, rancor, ódio não cria movimento e se você sente isso pelo outro não te trás boa sorte também, então era complicado porque eu já tinha me acostumado que Deus não existia, porque eu pedia por Deus, agradecia a Deus e estava acostumada à pedir a alguém, a agradecer a aluguem (...) acho que o budismo é hoje para mim a luz principal da minha vida, é tudo, hoje eu não conseguiria te dizer se eu consigo viver sem essa prática, e a energia que me alimenta, é tudo que me impulsiona para estar vivendo (...)". (Maria, 53anos)

Este caso denota uma pessoa que atribuiu suas mudanças comportamentais à adesão à nova religião. Aspectos até semelhantes à conversão de Andréia, porém como podemos observar, Maria sentia-se desacreditada, imputou a si mesma todos os seus problemas, atribuiu a Deus toda responsabilidade de dar-lhe uma solução ao mesmo tempo em que o culpava por não auxiliá-la em seus problemas.

O que poderia legitimar a conversão de Maria, uma pessoa desacreditada, que apresentava uma discrepância entre sua identidade social real e sua identidade virtual (sonhos, objetivos), é que não dava conta da sua realidade e cada vez mais se via distante da solução desejada; assim,

enquanto mantivesse essa atitude indiferente a sua situação estaria sempre desacreditada pelas pessoas. (GOFFMAM, 1982),

Ao observarmos sua entrevista, vemos que Maria transpareceu por um momento uma mesmice, á qual se refere Ciampa (2000:164) como “a mesmice de mim é pressuposta como dada permanentemente e não como re-posição de uma identidade que uma vez foi posta.” Após sua conversão religiosa, ocorre uma mudança; Maria mudou seu discurso, mudou suas atitudes, aspectos que a tiram de seu papel anterior. "Assim, personagens vão se constituindo umas às outras, no mesmo tempo que constituem um universo de significados que as constitui.". (CIAMPA, 2001:154).

Já o terceiro caso retrata uma conversão religiosa legitimada pela compreensão da morte, pois diante da perda, o indivíduo ficou doente e não mais se compreendia.

> *“(...) depois da morte do meu filho eu me converti ao budismo, estava numa depressão muito grande. E depois que conheci o budismo, que nunca tinha escutado falar (...) vim saber o que era a lei (...) assistir as reuniões, primeiro como simpatizante (...) ai comecei a entender que a morte não é o fim, mas é só uma mudança de um estado latente de vida, o universo carrega a sua bateria e volta novamente para outra vida, então é o começo de tudo, a gente pensa que a morte é fim, pois é capaz que este filho que morreu já voltou. E este é o mistério da vida, como a igreja fala, mas isso fez com que eu me convertesse ao budismo, porque vi que é a prova real de vida (...)muitas pessoas se dizem ser católicos e vão à igreja uma ou duas vezes ao ano assim como eu fazia. E no budismo não! Porque lá você sabe que é vida diária e cada dia é um dia, o ontem não existe é hoje e o que se passou hoje de manhã, já não existe mais.”. (Carlos, 60anos)*

O budismo proporcionou-lhe mudanças, uma melhor compreensão da vida, posto que Carlos já não encontrava sentido diante de sua perda. Diante da fatalidade, repensou e atribuiu um novo significado à morte. Do ponto de

vista de Weber (2004), a religião proporciona duas funções: uma no sentido da vida e outra no lugar social, em que ambas as opções possam ancorar sua identidade. A conversão demonstra uma metamorfose significativa na identidade do individuo, como infere Ciampa (2001:74) “Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto (...) é metamorfose”, o que nos leva pensar a respeito das transformações, mudanças de hábitos e a incorporação de novos costumes, aspectos que habitualmente estão presentes na adesão a uma nova religião.

2.3 – A conversão religiosa no mundo da vida

Como podemos observar são muitos os aspectos que levam o individuo a concretizar uma conversão religiosa; o que não seria novidade dizer que esse processo já está inserido no mundo da vida. Que para Habermas (2003), o mundo da vida é a soma dos elementos da cultura, da sociedade e personalidade, ou seja, a cultura como reserva do conhecimento do tradicional à modernidade, alimentada pelas mudanças e interpretações; a sociedade composta pelas ordens legítimas, processos comunicativos aos grupos sociais; a personalidade pela ação individual, inspirada em suas experiências da vida que produz identidade.

O mundo da vida engloba as mais diferentes atividades, sempre conduzidas por regras, como é o caso da religião, uma das atividades mais universais conhecidas pela humanidade, praticada por todas as culturas desde o início dos tempos. Como afirma Valle (2002), a religião tem a função reordenadora de identidades:

> “Na situação de anomia, pluralismo e transição criada pelo consumo e pelo ‘mercado’ de ofertas religiosas, os indivíduos parecem experimentar processos de busca que afetam sua emoção, seus valores e seu comportamento, recentrando-os, de alguma forma, no religioso e no espiritual. O religioso readquire uma função reordenadora da percepção de si (auto-imagem, senso de identidade) perdida com o desencantamento do mundo provocado ali onde a razão secularizada adquiriu hegemonia. O

> religioso exerce, além disto, uma função de inserção e/ou reinserção do indivíduo em um grupo, respectivamente em um meio sociocultural motivador e dotado de sentido". (VALLE, 2002: 60).

Do mesmo modo o religioso adquire uma função reordenadora em sua vida, uma nova identidade, que passa a ser empregada em sua nova linguagem, para atender aos fins de comunicação ou de representação, neste mundo da vida. Para Habermas (2004) os discursos e os atos de fala, se manifestam em ações de tipo social ou simplesmente não-social, sobre as quais o autor argumenta:

> "O agir social consiste ou na interação normativamente regida entre sujeitos que agem pela comunicação ou na tentativa dos antagonistas de exercerem uma influência estratégica mútua. Por certo, o agir instrumental está engastado em contextos de ação social, mas serve essencialmente a intervenções teleológicas no mundo de coisas e eventos carnalmente ligados".(HABERMAS, 2004:21).

Podemos notar na entrevista de Andréia que seu universo religioso foi marcado pela tradição católica, cuja nova experiência proporcionou diferentes modos de agir socialmente neste mundo; desta forma alguns costumes foram abandonados e que, por sua vez, validaram sua escolha frente ao seu novo papel, que moldaram sua nova identidade, no caso a budista.

> "(...) eu era Católica, assim como é toda minha família. O mais difícil para mim foi deixar para trás as imagens, pois tinha muita fé nos santos, mas no budismo de Nitiren não adoramos imagens e não acreditamos em santos. No Catolicismo tudo se paga por promessas, sacrifícios e no Budismo ensina que oração e ação, temos que sair atrás de nossos objetivos com fé sem fazer promessas aos outros. Outra coisa que foi bastante difícil era a recitação das orações, o Gongyo e Daimoku que as pronuncias eram difícil no começo." (Andréia, 50 anos).

A representação de uma nova religião para o individuo pode ser compreendida com a validação, que ocorre na concretização da escolha de uma autoridade em uma determinada situação, como na conversão religiosa que pressupõe uma escolha. E o que vai determinar a “validação” é o costume ou próprio interesse, mais do que a regularidade da ação social. (WEBER, 2002).

2.4- Sociedade e religião

Podemos dizer que o século XX foi marcado por muitas transformações mundiais; em meio a tantas mudanças, ocorreram os movimentos religiosos que marcaram fortes mudanças e tendências. Das tradições mais antigas, como as Druídicas dos celtas às práticas xamânicas das tribos siberianas, atualmente por conta dos avanços tecnológicos e a globalização, tudo está ao alcance de muitos, mesmo que de modo superficial; basta navegar no mundo da Internet. Acredita-se que, por conta de tais aspectos apresentados, quando alguém procura uma religião que o conforte e traga auxílio ideológico, isso se torna fácil, bastante diferente das épocas remotas em que as tradições religiosas dominavam Países e Territórios pelo Mundo. (GUERREIRO, 2006).

Do ponto de vista de Silva (2004:88), “as sociedades modernas, não são mais ordenadas por um centro hegemônico detentor do monopólio de sentido, em torno do qual se organiza a vida das pessoas (lugar anteriormente ocupado pela instituição religiosa tradicional)”; podemos dizer que essa mudança de ordenação da sociedade valoriz o sistema individual. Para Berger e Luckmann (2004:39), cada vez mais, hoje, “o indivíduo cresce em um mundo em que não existem valores comuns que determinem a ação em distintas esferas da vida, e em que tampouco existe uma única realidade idêntica para todos”.

Assim, atualmente são várias as possibilidades de transitar religiosamente, exemplificando: uma pessoa pode passar de uma a outra igreja, às vezes permanecer na mesma igreja, abandonar uma maneira de viver e praticar a fé em favor de outra mais intensa; enquanto outros transitam por paradigmas mais radicais. O fato é considerar que sempre poderá existir um movimento mais profundo de reorganização da pessoa, pode-se legitimamente falar de processos que merecem o nome de conversão, pois as pessoas passam por legítimas transformações no nível da personalidade. (VALLE, 2002).

Diante de tanta flexibilidade, do ponto de vista religioso, surgem como consequência as crises de sentido e desorientação de indivíduos e grupos. Como nos apontam Berger e Luckmann (2004:57) “As instituições derivam sua força vital da conservação da auto-evidência. Inversamente, uma instituição se vê ameaçada quando os membros que vivem dentro dela começam a refletir sobre os papéis institucionais relevantes (...)”. O sujeito se vê frente à possibilidade de exercer suas escolhas, decorrentes de relações idiossincráticas, pela apropriação de elementos desse conjunto, na construção de sua identidade.

Recorrendo a história, houve um tempo em que a religião se fazia mais presente ao redor do homem; entre os mais diferentes aspectos estavam a musica de Bach, o canto gregoriano, a arte, a catedral gótica, Divina Comédia, entre outras, todas as obras que em suas épocas expressavam um pouco sobre a forma em que se percebia no mundo as diversas marcas religiosas, que se expandiam pelas mais simples formas de diálogos, relatos de milagre, aparições, visões, experiências místicas, divinas ou demoníacas, estavam por toda parte, de modo que quase não se falava no descrente, que na ocasião quando surgia um, logo se escondia para não acabar queimado. (ALVES, 2008).

Conforme Heller (2008:12), “a história é a substância da sociedade”, que por sua vez não dispõe de nenhuma outra substância além do homem e

sua objetividade social. Neste contexto a autora considera que a construção e a transmissão de cada estrutura social são as práticas exclusivas dos homens e que, mesmo comum à individualidade, a substância social deve apresentar uma estrutura e ser amplamente heterogênea.

Como mostra-nos Bowker (2004), em todas as sociedades as religiões estão presentes e frequentemente apresentam um papel controlador e criativo, principalmente nas sociedades mais primitivas; mas todas tinham sua religiosidade e buscavam a transcendência à sua maneira. A antropologia revela-nos, também, que em épocas e circunstâncias diferentes, em povos que sobreviviam da agricultura, os ritos mudavam, obedecendo aos ciclos da vida: nascimento, crescimento, procriação e morte.

Para a sobrevivência humana, que oscila dentro de sua metamorfose constante, Bowker (2004), salienta que a religião sempre foi um elemento fundamental para o ser humano em sua natureza. Acredita-se que, por conta de uma busca mais dócil e fraterna, na sua relação com a natureza, o ser humano criou ritos, cultos, que, por vezes, em essência mantinham a veneração ao supremo, na condição de perceber seus próprios erros. Para Jung:

> "A pessoa religiosa tem uma grande vantagem para enfrentar as turbulências morais, sociais e políticas de nosso tempo e o indivíduo que não está ancorado em Deus não tem recursos pessoais para oferecer resistência às tentações físicas e morais do mundo. Para isso, ele precisa de evidência íntima, transcendente, e somente ela poderá protegê-lo da imersão na massa". (JUNG,1957: 34).

Neste sentido, Habermas descreve a religião como sendo:

> “(...) um elemento importante dentro do processo evolutivo de aprendizagem. A despeito da secularização do mundo moderno ser analisada sob vários ângulos, o fio condutor da racionalização interna das religiões universais (particularmente do cristianismo) é vital na compreensão da emergência da modernidade.”. (HABERMAS *apud* ARAUJO, 1998:51).

Para o autor, neste aspecto de aprendizagem, a religião tem uma grande força, legitimadora das estruturas políticas, por sua penetração conjunta às culturas popular e erudita, ou seja, desempenham uma função ideológica satisfatória nos mais diferentes níveis de consciência moral a partir de um conjunto de afirmações e promessas, em que os processos de crescimentos voltados à lógica da evolução social, estão diretamente vinculados ao processo evolutivo de aprendizagem em duas dimensões, a do trabalho e da interação. (ARAUJO, 1998).

Outro aspecto bastante interessante são as experiências religiosas, que por vezes são tão variadas quanto a variedade e os diferentes grupos religiosos; isto nos faz lembrar, especificamente no Brasil, do sincretismo religioso, que na visão de Sanchis (1996) funciona como uma condição indispensável para uma religião avançar com autonomia na variação. Assim todas as expressões de transformação no decorrer da busca por uma religião, abrem um leque de olhares possíveis sobre o objeto, categorizados em alguns modelos que incluem vários dos fatores envolvidos no processo de conversão.

PARTE III

3.0 - IDENTIDADE, RELIGIÃO E METAMORFOSE

3.1- Concepções de Identidade

O termo identidade sempre desperta interesse, tanto das pessoas comuns, quanto dos cientistas sociais. Como podemos constatar existem diversas teorias no que se refere à identidade, como quando diz Paiva (2007:77) a respeito de “teóricos das identidades mínimas, vazias, saturadas, nómades, fluidas, líquidas e possíveis, como Philip Cushman, Kenneth Gergen, Hazel Markus & Paula Nuria, (...) Christopher Lasch, (...) Anthony Giddens e Zygmunt Bauman”. São psicólogos e sociólogos que produzem conhecimento, sendo que para o autor, tais análises oferecem verdades comuns à realidade das camadas abastadas da sociedade ocidental. Diferentemente dos que atribuem a identidade psicossocial aos papéis ligados às posições sociais, como Stryker e Statham, 1985; Stryker, 1986; Stryker e Burke, 2001; que se interessam pelo grau de individualidade e suas diferenças às identidades sociais, pela internalização dos papéis que as pessoas desempenham no grupo, em função dos processos. (PAIVA, 2007).

O Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP, atualmente também denominado como Escola de São Paulo, define que a psicologia social é uma disciplia (teórica/prática) referendada em pesquisas empíricas sore os problemas sociais brasileiros. Que entre as tantas pesquisas temos a de identidade, estudada pelo professor Antonio da Costa Ciampa, em A Estória do Severíno e a História da Severina, Um Ensaio de Psicologia Social(1987/2001); a identidade é analisada como narrativa autobiográfica, o que permite acompanhar na dimensão longitudinal as transformações por que passam as pessoas.

A identidade é vista como totalidade não apenas no sentido da multiplicidade dos personagens, mas também no que se refere ao conjunto de elementos biológicos, psicológicos e sociais que a constitui.

> “Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos – biológicos, psicológicos, sociais, etc. – que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação

> desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há como uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado.” (Ciampa, 1984:65).

A identidade é um elemento chave da realidade subjetiva e como toda realidade subjetiva, surge na relação dialética com a sociedade; formada por processos sociais e uma vez constituída é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. E a concretude da identidade está contida na temporalidade dos fatos, o passado, presente e futuro. (CIAMPA, 2001).

Para Habermas (1990), as questões chave sobre a identidade são: ‘Quem somos?’ e ‘O que queremos ser?’. Para essas perguntas, não há, evidentemente, nenhuma resposta que não dependa do respectivo contexto e que, portanto, seja universal e igualmente definitiva para todas as pessoas. Segundo o autor, ainda "a identidade de indivíduos socializados forma-se simultaneamente no meio do entendimento linguístico com os outros e no meio do entendimento intra-subjetivo-histórico-vital." (HABERMAS, 1990: 187).

A afirmação da identidade, por meio do agir comunicativo, busca por um consenso no mundo vida, na intenção de emergir intersubjetivamente. A passagem dos modos pré-modernos de subjetivação para os modos modernos implica em uma mudança conjunta nas posição dos indivíduos dentro de suas culturas e em suas consciências. Tanto na ação como na comunicação, o agir com o mundo necessita de um reconhecimento recíproco das diferenças, as

relações com o “eu” e com os grupos constituem diferentes níveis de moral, que se expressam na identidade.

3.2 - Aspectos psicossociais na identidade humana

Ciampa (2001) dedica-se ao estudo da identidade, norteado por uma concepção histórica e social de homem. Para ele, a compreensão da identidade exige que se tome como ponto de partida a representação de identidade como um produto, para que então se possa analisar seu próprio processo de construção. Neste sentido, o processo de conversão religiosa desempenha um papel fundamental na reconstrução da identidade; para os que optam por uma conversão religiosa, a identidade frequentemente é observada na representação atrelada a um processo de identificação, ou seja, no movimento, nas transformações que buscam um reconhecimento legítimo para o eu.

Nesta linha de raciocínio, a conversão religiosa, é também um movimento, uma metamorfose que busca autenticar sua identificação com alguma organização religiosa ou um pensamento religioso agradável. Mas sempre existirão as incertezas, no que se refere ao aspecto positivo ou negativo, porém essa avaliação precisa considerar os significados das experiências vividas com a nova experiência religiosa.

A partir das contribuições dos autores pesquisados, relacionamos os aspectos que constituem a identidade, com os dados colhidos nas entrevistas:

> *“A partir deste dia comecei a recitar o Nan-myo-ho-rengue-kyo meia hora por dia e no dia 29 de agosto de 1982 recebi meu Gohonzon, foi muito importante conhecer e abraçar o sutra de lótus praticando esse budismo, por que aprendi muito com o budismo, muito mesmo e neste mesmo ano no dia 2 de*

dezembro 1982 nasceu meu terceiro filho. Mais responsabilidade pra mim com 23 anos de idade e agora com três filhos, mas ao mesmo tempo foi mais tranqüilo, pois eu já era uma pessoa mais confiante, tranqüila com a vida, conseguia cuidar dos três filhos, fazer as coisas de casa, minha pratica diária do budismo e ainda passeava com eles. Coisa que não conseguia antes só com um filho." (Andréia, 50anos).

A re-posição de uma identidade pode se dar de diversas maneiras, como no caso de uma conversão religiosa; a identidade, quando re-posta torna-se como uma alavanca que auxilia os indivíduos a se colocarem no mundo. Pelos dados da entrevista acima, podemos observar, que Andréia percebe sua responsabilidade em educar os filhos, sendo que antes de sua conversão, sentia-se perdida sem dar conta de apenas um. Como um fenômeno, ela re-iniciou seu papel de mãe, educadora etc. No trecho abaixo, percebemos que Andréia, já faz objetivos e promove mudanças, metamorfoses, que a afastam do lugar de antes e que, agora, a auxiliam nas escolhas da família.

"Neste decorrer da vida fiz um grande objetivo, que era a todo custo comprar uma casa pra sair do aluguel (...) compramos uma casinha de dois cômodos num terreno da prefeitura, era uma favela. Lá era nosso, ficamos livres do aluguel, mas lá não era tão fácil, não tinha água encanada, a água vinha de mangueira que enchíamos uma caixa de água e o esgoto era aberto e fossa para sujeira do banheiro, não tinha nem um tanque, eu lavava as roupas numa bacia e em uma madeira era um desconforto total (...) lancei outro objetivo (...) realizar uma hora por dia de oração (...) depois (...) recebemos uma indenização (...) muito empolgada (...) tivemos um obstáculo muito grande que emprestamos todo nosso dinheiro (...) nesse momento foi embora meu sonho da casa própria. Tive uma recaída da depressão, pois eu acho que ninguém é feliz em uma favela.

Como nada é por acaso tive grande apoio de um tiku-butyo (responsável da comunidade budista) onde ele sempre me orientou a nunca desistir, dizia-me que eu tinha uma missão de transformar ali e só iria conseguir mudar quando transformasse meu carma (...)" (Andréia, 50anos).

Um aspecto importante para lembrarmos é de que os indivíduos contemporâneos são mais singulares do que os indivíduos dos tempos mais remotos, devido os avanços tecnológicos e outras mudanças, porém esses aspectos não são sinônimos de autonomia, "(...) a individualização social isola ou singulariza, porém, não individua no sentido enfático". (HABERMAS, 1990: 231). Ou seja, quando falta ao indivíduo a autonomia que lhe garante a possibilidade de escapar de modelos dados de subjetividade e de identidade.

(...) continuei a lutar com a pratica budista, logo o local foi mudando, passando água encanada, esgoto até enlarguecendo as vielas chegando até entrar carro, o budismo me ensinou a transformar o veneno em remédio. (...) "Desde 1989 meu marido (...) nunca mais arrumou um bom emprego (...) esta época foi bastante difícil, quase passamos fome, mal tínhamos um arroz pra comer, em um dia muito triste fiz uma hora de Daimoku (mantra budista) e pedi sabedoria e li às orientações do jornal do budismo onde dizia que não existe oração sem resposta para um verdadeiro praticante do budismo de Nitiren Daishonin e ali mesmo lacei um objetivo de vinte milhões de Daimoku (mantra budista) e escrevi que iria transformar todos os aspectos da minha vida, como a saúde, financeiro, coragem e sabedoria para meus filhos estudar, e todos os dias nunca falhei em realizar minha oração. Com tanta dificuldade financeira, chegando até a depender de ajuda de parentes, sai em busca de trabalho andei a pé mais ou menos uns dez quilômetros e neste mesmo dia arrumei um trabalho. Fui fazer limpeza em duas escolas de informática ganhando um salário mínimo mais uma cesta básica,

neste mesmo tempo meu marido vivia de bicos de pedreiro que mal dava pra comprar as coisas pra dentro de casa.”. (Andréia, 50anos).

Neste parágrafo a entrevistada chama para si a responsabilidade das adversidades encontradas na vida; baseada em seus ensinamentos budistas, apresenta-se à sociedade em um papel de trabalhadora esperta que vai transformar sua vida. Acrescenta Lane (1984:41) que os “valores existentes em um grupo social, e como tal é veículo da ideologia do grupo; enquanto para o indivíduo é também condição necessária para o desenvolvimento de seu pensamento”.

> “Apenas quando confrontamos as nossas representações sociais com as nossas experiências e ações, e com as de outros do nosso grupo social, é que seremos capazes de perceber o que é ideológico em nossas representações e ações conseqüentes, ou seja, pensar a realidade e os significados atribuídos a ela, questionando-os de forma a desenvolver ações diferenciadas, isto é, novas formas de agir, que por sua vez serão objeto do nosso pensar, é que nos permitirá desenvolver a consciência de nós mesmos, de nosso grupo social e de nossa classe como produtos históricos de nossa sociedade, e também cabendo a nós – agentes de nossa história pessoal e social – decidir se mantemos ou transformamos a nossa sociedade” (LANE, 1984:36-37).

“*No ano de 2000, estava com dezessete milhões de Daimoku e já tinha transformado a grande parte dos meus carmas, totalmente curada de uma depressão sem fazer uso de qualquer remédio (...) me tornei uma mulher forte e corajosa e neste mesmo ano tive a imensa boa sorte de comprar meu terreno (...) no dia 30 de janeiro de 2004 completei meus vinte milhões de Daimoku, Nos dias 5 e 6 de fevereiro de 2004 estava me mudando para minha tão sonhada casa (...) posso dizer que hoje sou uma pessoa feliz, pois consegui todos alcançar todos meus*

objetivos almejados e realmente sei que existe a felicidade absoluta (...).(Andréia, 50anos).

Para Ciampa (2001), a identidade, dentro dos aspectos psicossociais, pressupõe a realidade social na qual o indivíduo está inserido, e que lhe permite que se perceba como sujeito único, tomando posse da sua realidade individual e, portanto, consciência de si mesmo.

Como podemos notar cada indivíduo se reproduz em função de sua história de vida, na qual a ideologia interage articulada pelas instituições em um plano superestrutural, que correspondem às formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas e filosóficas, em um plano individual. Aspecto observado na entrevista de Andréia, quando o todo passa a ser a sua vida.

Quem abraça o Sutra de Lótus e confia e segue seus ensinamentos com a recitação de Nan-myo-ho-rengue-kyo, não há oração sem resposta, não há pecado que não seja perdoado e não há justiça que seja provada, como dizia Nitiren Daishonin "o inverno não falha em se tornar primavera, por mais rigoroso que seja o inverno temos que ter a convicção que as coisas vão mudar como a primavera e suas flores", A prática budista nos ensina a nunca desistir, pois tudo com fé e objetivo pode se transformar, só depende de nós. (Andréia, 50anos).

Nas palavras de Ciampa (2001: 156): "São múltiplas personagens que ora se conservam, ora se sucedem; ora coexistem, ora se alternam. Estas diferentes maneiras de se estruturar as personagens indicam como que modos de produção da identidade". Como no caso de Andréia, uma contemporânea que passa por uma série de mudanças; a budista "favelada" que quer um lar; a budista doente de depressão; a budista de muita fé; a budista faminta; a budista auxiliar de limpeza; a budista curada da depressão; a budista empreendedora (vendedora de doces); a budista proprietária (construiu seu lar); a budista feliz (atingiu seus objetivos). A identidade é composta por

articulações de vários personagens e ela é posta sob a forma de personagem. A personagem é um momento da identidade que expressa às diversas formas que esta pode assumir, particularmente através dos papéis sociais atribuídos ao indivíduo - budista, favelada, vendedora de doces etc. (CIAMPA, 2001). Para Habermas:

> "É uma aptidão não só de conforma-se às expectativas pessoais e à de ordem social, mas de lealdade em faces dela, uma aptidão dirigida no sentido de manter ativamente, de apoiar e justificar essa ordem e de identifica-se com as pessoas ou grupo nela envolvidos." (HABERMAS,1983:60).

Não se pode pensar em identidade, se não for posta sob a forma de personagem, na medida em que a identidade sempre se concretiza na interação. A história de vida de Andréia discorreu por mais de vinte anos e pudemos observar a visão cotidiana e pragmática de uma personagem, cujos fatos que lhe atribuíam uma personagem constituíam-se pelas atividades.

> *Quando cheguei em Belo Horizonte (cidade grande) o primeiro impacto que tive foi realmente muito forte que veio mexer com o estado emocional e ali do dia para noite comecei a ter algumas reações muito estranhas que seriam ameaças de algum desmaio, de alguma coisa que iria acontecer, por um momento eu chegava a sair do ar mesmo e foi se intensificando cada vez mais que eu me sentia emocionada, até quando chegou o final do ano e tive realmente um desmaio. E a partir daquele momento eu iniciei o tratamento neurológico, as drogas (medicamentos) que os médicos condicionam você a estar usando realmente causam um transtorno muito grande á sua vida, somente quem passou por esse tratamento que é capaz de explicar, a depressão, a falta de ânimo, certos fatores que vão se desencadeando no dia-a-dia, confesso que muita coisa eu venci e consegui superar através da prática não só do Daimoku como do contato de vida a vida com as pessoas lá fora , porque*

quando você vai até o membro que está sofrendo por incrível que pareça, aparentemente você também consegue não só aprender como também adquirir energia para dar continuidade.(Maria, 54anos).

3.3 - As metamorfoses

A identidade do convertido é uma renovação, uma nova representação vivida neste mundo da vida, que de acordo com Ciampa (2001): a utilização do termo metamorfose se atribui quando o indivíduo age sendo sujeito da sua própria história. Os papeis que representamos constituem de uma organização que é o próprio conjunto de relações que as instituem.

"O que me levou a conversão foi o sofrimento que estava passando devida a morte do meu filho (...) Ensinou-me a compreender o que era a ligação entre a vida e a morte, entendi que a morte não é o seu fim e que é o começo, e a partir daí mudou a minha postura, eu ganhava muito dinheiro e gastava muito também, falava mal as pessoas na rua, quando estava dirigindo era muito agressivo e com a prática do budismo eu fui mudando tudo isso e hoje já não sou mais assim, já teve gente que chegou a bater no meu carro, eu sai para conversar com educação e se fosse ao passado eu sairia para brigar, a postura muda totalmente o budismo leva você a ver como é a lei de causa e efeito e você vai vendo onde esta errado e você começa a punir sua vida e tudo isso acontece com o tempo e não é magia, isso demorou muitos anos" (Carlos,60anos).

Carlos não compreendia a morte e agora compreende, comenta que era muito agressivo com as pessoas e hoje consegue compreender o próximo.

Sua identidade de “Carlos sofredor”, diante sua nova forma de viver, transformou-o, o que faz dele um novo homem. Como afirma Ciampa:

> *Como é óbvio, as personagens são vividas pêlos atores que as encarnam e que se transformam à medida que vivem suas personagens. Enquanto atores, estamos sempre em busca de nossas personagens; quando novas não são possíveis, repetimos as mesmas; quando se tornam impossíveis tanto novas como velhas personagens, o ator caminha para a morte, simbólica ou biológica. (Ciampa: 2001:157).*

No plano da conversão religiosa, atrelada a aspectos de uma ideologia, o indivíduo tem que lidar com os impactos existentes, na medida em que está imerso na intersubjetividade. Do ponto de vista de Lane (1984:41) “(...) é no plano ideológico é que o indivíduo pode se tornar consciente ao detectar as contradições entre as representações e suas atividades desempenhadas na produção de sua vida material”. Ou seja, são nestas buscas ideológicas, que também mudam ou se concretizam os planos e ações para vida. Como fala Andréia:

> “O budismo pra mim é tudo de bom, não é pra mim só uma religião, mas sim uma escola que me ensinou tudo que sou hoje. Em um momento eu não me cuidava mais, não sonhava com algo melhor. Atualmente me respeito e respeito às pessoas, sou mais calma e corajosa, conquistei minha casa e o principal a união da minha família. Nunca fui pelos dirigentes, porque cada um tem uma forma de orientar. Mas eu sim, me embasei nos ensinamentos de Nitiren Daishonin e nas orientações do Presidente Ikeda, que através de leitura e pesquisas e até hoje tenho convicção que estou no caminho certo”.(Andréia, 50 anos)

São com as mudanças que ocorrem em nossa história, que atribuimos algum sentido a ela. Simplesmente com o passar do dia, as coisas mudam, mas somente mudam em nossa vida, se existir nossa atuação. E nesse instante que entra em ação nosso papel, como nos lembra Ciampa (2001:158) “(...) não há personagens fora de uma história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens.” As escolhas que realizamos no cotidiano influenciam em nossos papéis, como no caso de uma conversão religiosa, o convertido, pode ou não exercer esse papel.

Dentro desse universo, na qual muitas coisas são atribuidas papéis, papéis que as vezes não querem ser incorporados, mas até acabam sendo estigmatizado. O que queremos lembrar com esses aspectos é que por estarmos tratarndo de um trabalho que aborda questões sobre identidade e religião, especificamente o budismo. Chamamos atenção que não há em hipotese alguma, ligação em se fazer algum tipo de apologia religiosa. Conforme Ciampa (2001), quando o indivíduo age sendo sujeito de sua própria história, podemos chamar tal fenômeno de metamorfose. Tais aspectos poderiam até desconfigurar uma pesquisa de anos.

PARTE – IV

4.0- Apresentação

Neste item, apresentaremos o resultado da pesquisa realizada junto aos convertidos ao budismo da BSGI na cidade de São Paulo, cujo objetivo foi analisar o processo de identidade como metamorfose, diante das narrativas de história de vida dos praticantes convertidos. Com base nas concepções teóricas de identidade (Ciampa, 1987/2001), estudaremos a identidade,

considerando os elementos psicossociais contidos na vida e na conversão a uma nova religião.

4.1- Metodologia

A pesquisa passou por diversas etapas, que buscaram apresentar aspectos coerentes ao que se refere a estudos sobre identidade e conversão religiosa. No primeiro momento, diante da grande diversidade de escolas budistas no Brasil, como nos lembra Usarski (2004), verificamos que existem cerca de 160 grupos budistas no país e procuramos uma instituição que estivesse em crescimento no número de conversões; assim, selecionamos a Soka Gakkai que apresenta um grande crescimento em diversos locais no Brasil e no Mundo.

Definida a instituição budista, fomos conhecer um pouco mais sobre sua origem, historicamente falando e do mesmo modo, sua chegada e atuação no Brasil. Nesta ocasião realizamos visitas ao templo principal da instituição budista BSGI em São Paulo e também participamos de atividades nas comunidades budistas da região. Diante do nosso foco, a pesquisa de identidade com convertidos ao budismo no Brasil procurou conhecer estes membros da instituição.

A etapa seguinte foi localizar pessoas que pudessem ser consideradas emblemáticas para nossa pesquisa e que apresentassem como premissa mínima, ser uma pessoa de origem ocidental que tenha se convertido ao budismo. Desta forma, como encontramos um grande número de budistas convertidos, selecionamos apenas três sujeitos para a nossa pesquisa através de entrevistas abertas, como um estudo exploratório de natureza qualitativa.

Buscamos caracterizar nas entrevistas as mudanças mais significativas na identidade destas pessoas, que ocorreram após a conversão ao budismo, ou seja, o que muda com a atribuição desta nova identidade religiosa. Nesta perspectiva, buscamos contribuir para o desenvolvimento da proposta teórica sobre a questão da identidade como metamorfose.

4.2 - Considerações finais

Nesta pesquisa o objetivo foi analisar o processo de identidade a partir das narrativas de história de vida de praticantes convertidos ao budismo da Soka Gakkai Internacional do Brasil, com base nas concepções teóricas de identidade como metamorfose, de Ciampa (1987/2001). Constatou-se que o budismo, especificamente o budismo japonês, se encontra instalado aqui no Brasil há um pouco mais de 100 anos, estando relacionado com o movimento de imigração; porém somente após a segunda guerra mundial, esse budismo japonês torna-se mais visível em nosso país. Percebemos que, ao mesmo tempo, a hegemonia das instituições religiosas em geral vai declinando. Contudo, conforme Guerreiro (2006), sabe-se que as Igrejas e religiões tradicionais não sumiram, continuando fortes em nossa sociedade; como apontam os dados encontrados no IBGE (2000), há a predominância do cristianismo católico romano que aparece como a maior religião do Brasil desde o período colonial, representando atualmente 73,6% dos religiosos em nosso país.

Um aspecto relevante a ser notado, como nos informa Rampazzo (1996), é que o cristianismo é uma religião monoteísta centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tais como são apresentados no novo testamento, enquanto o budismo, conforme Baumann (2000), não acredita na eficácia dos ritos como mediação dos deuses e dos homens; crêem os budistas que a existência humana está submetida aos resultados de boas ou más ações preferidas em vida Declara Nietzsche (2004), que o budismo se diferencia do cristianismo pelo fato de não ter mais a necessidade do indivíduo justificar seu sofrimento e a sua capacidade de sofrer, através da interpretação do pecado.

A identidade humana acompanha o desenvolvimento da sociedade, com avanços tecnológicos, mudanças culturais, fenômenos da natureza; enfim tudo que esteja contido no mundo da vida e que pode ser absorvido ou absorver fenômenos, uma vez que, segundo Baumann (2000), os trânsitos globais e os meios de comunicações teriam sido os principais fatores que

colaboraram com a difusão do Budismo nos países ocidentais; assim, a globalização seria um aspecto bastante importante para explicar a grande expansão do Budismo no ocidente.

O Budismo, que tradicionalmente é reconhecido por manter preservada a identidade étnica em uma sociedade multicultural, passa a ser observado, como globalizado com vertente pós-moderna, talvez por conta de influências místicas, culturais e pela questão de adaptação, ou até porque, atualmente o Budismo é a segunda maior religião do mundo e apresenta também o segundo maior número de adeptos no mundo. (BAUMANN, 2000).

Baseado nos aspectos mencionados constatou-se que a conversão ao budismo proporcionou uma grande mudança na vida dos entrevistados, uma metamorfose que alterou a identidade pessoal de cada um deles; num primeiro momento, por conta da conversão, a mudança apareceu mais na identidade religiosa; na seqüência, a metamorfose de cada um deles apareceu em sua identidade pessoal como um todo, modificando sua subjetividade nas várias dimensões da vida social.

Como observado nas entrevistas, Andréia, a medrosa que não tinha coragem de cuidar de seu filho, agora é a Andréia que proporcionou mudanças nos mais diferentes aspectos da vida tais como o fato de ter conquistado autonomia, proporcionado educação para os filhos, adquirido sua casa própria, ou seja, percebe-se como responsável de sua vida e de seu destino. Pode-se atribuir todos estes aspectos a sua conversão, pois segundo o seu próprio discurso:

> *"O budismo pra mim é tudo de bom, não é pra mim só uma religião, mas sim uma escola que me ensinou tudo que sou hoje. Em um momento eu não me cuidava mais, não sonhava com algo melhor. Atualmente me respeito e respeito às pessoas, sou mais calma e corajosa, conquistei minha casa e o principal à união da minha família. Nunca fui pelos dirigentes, porque cada um tem uma forma de orientar. Mas eu sim, me embasei nos ensinamentos de Nitiren Daishonin e nas orientações do*

Presidente Ikeda, que através de leitura e pesquisas e até hoje tenho convicção que estou no caminho certo." (Andréia, 50anos)

Já na entrevista de Maria, a desacreditada que vivia em uma mesmice e, após a conversão passou a notar a si mesma e, mesmo tendo errado ou até errar um dia, busca seu aprimoramento através dos ensinamentos budistas.

"(...) em 1991 eu vim me converter e realmente daquele tempo para cá, eu nunca criei dúvidas em relação à prática de forma alguma, eu tive um acompanhamento muito importante com relação à leitura dos impressos e tentei de todas as formas colocar na minha vida da forma mais correta tudo que vinha aprendendo de acordo com o direcionamento do Ikeda sensei, é lógico que nós também temos erros, somos humanos, mas eu tento me aprimorar o máximo possível no dia-a-dia e isso foi a começo da minha história." (Maria, 53anos).

No relato do próprio Carlos, o que mais marcou sua conversão religiosa, foi a compreensão dos aspectos inerente a vida, ou seja, uma metamorfose significativa na vida de um senhor leigo que após a perda do filho teve a vida toda desconstruída, consegue dar um novo significado para ela, mantendo uma nova postura de viver.

"Então eu não estudei porque não tive condições, meu pai não tinha condições de manter seis filhos na escola, foi uma vida dura, (...) eu me converti ao budismo, estava numa depressão muito grande (...) tive muito sofrimento, também morreu um filho meu com quatorze anos em acidente no trem (...), pois a vida é uma constante renovação e tudo vai mudar (...) budismo me ensinou a compreender o que era a ligação entre a vida e a morte, entendi que a morte não é o seu fim e que é o começo, e

a partir daí mudou a minha postura, eu ganhava muito dinheiro e gastava muito também, falava mal as pessoas na rua, quando estava dirigindo era muito agressivo e com a prática do budismo eu fui mudando tudo isso e hoje já não sou mais assim, (...)" (Carlos, 60 anos).

Como podemos perceber, esses relatos se referem a mudanças que "merecem ser vividas", que segundo os entrevistados ocorreram após suas conversões; segundo Andréia, ocorreu após sua conversão, um novo modo de pensar e de re-pensar a vida e as metamorfoses; Maria, a desacreditada que hoje, acredita em si; Carlos, que mudou a forma de compreender e ver a vida; aspectos individuais a cada um deles, que na medida em que os repensaram, Ciampa afirma (2001: 242) que: "Isso é busca de significado, é invenção de sentido. É auto produção do homem, É vida. Isso pode responder o que é identidade humana."

Referências Bibliográficas

ALVES, R **O que é Religião?** São Paulo: Loyola, 9ª edição, 2008.

ANDREWS, C.W. **Jürgen Habermas sobre "revolução" e "fim da história**": São Paulo, Margem, 2003. Nº17 p 129-146.

ARAÚJO, L.B.L **Religião e Modernidade em Habermas**. São Paulo: Loyola, 1996.

BAUMANN, M. **Buddhism in Switzerland** *IN*: Critical Notes - Journal of Global Buddhism (2000) p 154-159. em http: jgb.la.psu.edu/2/baumann001.html. Acessado em 09 de janeiro de 2008.

BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª edição. 2004.

_____. **A Construção Social da Realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento.** Petrópolis, RJ: Vozes, 23ª edição. 2003.

BRASIL SOKA GAKKAI INTERNACIONAL (BSGI). **Por uma Sociedade de Paz**. São Paulo: Ed. Brasil Seikyo, 2003.

BRASIL SEIKYO, **Budismo: religião ou filosofia?** Edição Nº 1957, p. A2, 27 de setembro de 2008.

BOWKER. J. (org.) **O Livro do Ouro das Religiões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CIAMPA, A.C. **A Estória do Severino e a História da Severina**: Um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____.**Políticas de Identidade e Identidades Políticas**. In, DUNKER, C. I. L. & PASSOS, M. C. Uma Psicologia que se interroga: ensaios. São Paulo: Edicon, 2002. p. 133-154.

_____.**Identidade** In: S.T.M Lane e W. Codo (Org. s). Psicologia Social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984, pp. 59-75.

COBRÍ, M. **El Conocimiento Silincioso** In, Hacia Una Espiritualidad Laica. Ed. Herder, 2005.

COELHO, R. **Individuo e Sociedade na Teoria de Auguste Comte**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.

ECKEL, M.D. **Conhecendo o Budismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Diaz, C. **Manual de Historia De Lãs Religiones**. Bilbao: Descleé de Brouwer S.A. 4º Ed.2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio – **O dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GADAMER, H.G **Reflexiones Sobre La Relación Entre Religión Y Ciência** In, Mito Y Razón. Edição Paidós Ibérica, S.A. 1997.

GARD, R. A. **Budismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** 4ª edição. Rio de janeiro: Zahar, 1988.

GONÇALVES, R.M. (org.) **Textos Budistas e Zen-Budistas**: São Paulo: Cultrix, 1992.

GONZAGA, E. **Buda de Casa Faz Milagre?** Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

GUERREIRO, S. **Novos Movimentos Religiosos**: O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

HABERMAS, J. **Para a Reconstrução do Materialismo Histórico**. 2ª edição. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1990.

_____. **A crise de legitimação no capitalismo tardio**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

_____. **Passado como Futuro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1993.

_____. **Era das Transições**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. **A Inclusão do Outro: estudos de teoria política.** São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2003.

_____. **Verdade e Justificação: ensaios filosóficos.** São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **O Futuro da Natureza Humana**: A Caminho de uma Eugenia Liberal? São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HEGEL, G. W. F. **Esbozos Sobre Religión Y Amor** In, Escritos de Juventude. México: Fundo de cultura Econômica, 1984. 2º ed, p 239 – 246.

HERVIEU-LÉGER, D. **O Peregrino e o Convertido**: A religião em movimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOUAISS, A & VILLOR, M.S **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: objetiva, 2001.

IBGE. **Censo Demográfico**. Disponível em http://www.ibge.gov.br/. Acesso em

18 de agosto de 2009.

IKEDA, D. **A Revolução humana Vol.3.** Rio de Janeiro:Record, 1976.

JEREZ, L. M. R. **A religiosidade como metamorfose em busca da plenitude**. Dissertação Mestrado em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

KÜNG. H. **Religiões do Mundo**: Em Busca dos Pontos Comuns. São Paulo. Ed Verus. 2004.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social** (4 ed), São Paulo: Brasiliense. (1983).

_____. **A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia.** In: S.T.M Lane e W. Codo (Org. s). Psicologia Social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984, pp. 10-19.

_____. **Consciência/alienação: a ideologia no nível individual.** In: S.T.M Lane e W. Codo (Org. s). Psicologia Social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984, pp. 40-57.

LUNA S. V. **Planejamento de Pesquisa**: Uma introdução. São Paulo: EDUC, 2002.

NEGRI, A. & HARDT, M. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

NIETZSCHE, F. **O anticristo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ORNELAS, C. V. A. **Novos Movimentos Eclesiais, Ortodoxia e Emancipação: Um Estudo da Identidade de Jovens Conversos.** Tese de Doutorado em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

PEREIRA, R. A. **Antropologia, Cultura Japonesa e as Teorias 'Nihonjinron'.** *In*: Centro de Estudos Japoneses da USP (ed.), Anais do VIII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 1997: p.97-102.

PAIVA, G. J. **Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea** In, revista PSICO, Porto Alegre, PUCRS, *v. 38*, n. 1, pp. 77-84, jan./abr. 2007.

_____. **Identidade e pluralismo: Identidade Religiosa em Adeptos Brasileiros de Novas Religiões Japonesas.** In, Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, jan./abr. 2004, Vol.20 n.1, p.21-29.

PAULILO, M. A. S., **A pesquisa qualitativa e a história de vida.** *Serviço Social em Revista*, v. 2, n. 1 Jul/Dez .1999.

PEREIRA, R. A. **A Associação Sôka Gakkai Internacional: Do Japão para o mundo, dos imigrantes para os brasileiros.** In, USARSKI, F. (org.) O Budismo no Brasil**.** São Paulo: Lorosae, 2002.p.253-286.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. São Paulo: Papirus, 1991.

RAMPAZZO, L. **Antropologia, Religiões e Valores Cristãos**. São Paulo: Loyola, 1996.

ROCHA, A.C. **O Que é Budismo.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

KYAN, A. M. M. **A Identidade do Sacerdote Católico: um Estudo Sobre o Celibato e a Política de Identidade da Igreja Católica**. Tese de Doutorado em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

SASS, O. **Crítica da razão solitária: a psicologia social de George Herbert Mead.** Tese de Doutorado em Psicologia Social. PUC SP, São Paulo, 1992.

SANCHIS, Pierre. **O repto pentecostal à cultura católica brasileira**. In ANTONIAZZI, Alberto (org.). Nem anjos nem demônios – Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 34-63.

SANTOS, M. L. (org.) **Síntese do Budismo**. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2003. 2ª ed.

_____ . **Fundamentos do Budismo**. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2004.

_____. **A Vida de Nitiren Daishonin.** São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2006.

SHOJI, R. **Uma perspectiva analítica para os convertidos ao budismo japonês**. In, REVER**.** Revista de Estudos da Religião. N.2, 2002, p. 89-100.

SILVA .V. A. **Conversão ao budismo tibetano**: Trajetorias em tres grupos de São Paulo. Dissertação de mestrado PUC-SP 2002.

SORJ. B e MARTUCCELLI. D. **O Desafio Latino-Americano**: coesão social e democracia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SOUZA.L.M. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz:** Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial. São Paulo. Com. das Letras. 1986.

SOUZA, R. T. **Identidade de devotos católicos populares: iconografia e instituição religiosa como elementos mediadores.** Dissertação Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

TURATO, E. R., **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde**: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev Saúde Pública* 2005.p 507-514.

USARSKI, F. (org.) **O Budismo no Brasil.** São Paulo: Lorosae, 2002.

_____ **O Dharma verde-amarelo mal-sucedido**: Um esboço da acanhada situação do Budismo In Dossiê das Religiões no Brasil, Estud. av. vol.18 no. 52. São Paulo Set./Dec. 2004. p 303-320.

_____ **Declínio do budismo "amarelo" no Brasil**, Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 2. 2008.p133-153.

_____ **Interações entre Ciências e Religião**. In: Revista Espaço Acadêmico, Ano II, N°17, 2002.

VALLE, Edênio, **Psicologia e experiência religiosa – Estudos introdutórios**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa. In *Revista de Estudos da Religião* nº 2,. São Paulo: PUC, 2002. p. 51-73

VELHO, G. **Individuo e Religião Na Cultura Brasileira** in, Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p 49-62.

WEBER, M. **A gênese do capitalismo moderno**. São Paulo: Ática, 2006.
_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. **Conceitos Básicos de Sociologia.** São Paulo: Centauro, 2002.

Citações de um e-mail enviado para mim pelo senhor **Antonio Ioshio Nakamura** responsável do Núcleo de Estudo de Religiões (órgão interno da BSGI) e **Vice Presidente da instituição budista Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI),** via lista eletrônica antonio.nakamura@bsgi.org.br em 9 de abril de 2009.

ANEXOS

Entrevista com senhora Andréia 50 anos de idade e 27 anos de conversão religiosa ao Budismo da instituição religiosa Soka Gakkai Internacional, para pesquisa do núcleo de pesquisa de identidade do Prof.Dr. Antonio da Costa Ciampa.

Emerson: Estamos reunidos para uma entrevista, fins de pesquisa acadêmica de identidade, na qual gostaria de saber sobre sua história de vida e podemos iniciar com a pergunta: Quem é você e quem gostaria de ser?

Andréia: Sou Andréia, moradora de São Paulo há 33anos, casada há 33 anos e tenho três filhos, nasci no Pernambuco na cidade de Caetés que vivi até meu s

17anos, meus pais eram sitiantes que viviam da agricultura, criação de cabras e ovelhas. Tive uma infância muito boa, somos em onze irmãos e eu era a casula. Todos foram criados com leite de cabra, muito forte, tive tudo que queria, na escola todo ano eu desfilava, era porta bandeira, nos feriado de sete de setembro, meu pai fazia questão de vender uma cabra para me comprar à melhor roupa, até esta ocasião eu fazia a quinta serie do ginásio quando eu fique doente, tinha um xisto no fim da coluna, que doía muito, fui operada com certa urgência e acabei não voltando mais para a escola. Até porque quando vinha na cidade para fazer curativos e passar no médico, quando conheci meu marido, já me recuperando começamos a namorar e com aproximadamente um ano nos casamos, já estava com dezessete anos de idade. Foi no dia 15 de Janeiro de 1977 meu casamento e no dia 16 de janeiro de 1977, viajamos para São Paulo pra morar mesmo. Desliguei dos meus Pais de vez e vim ser dona da minha vida, deixei minha boa sorte de filha, nunca havia trabalhado, só cuidava de ovelhas, mais eu gostava muito disso, E casada foi uma nova vida, deveria ter estudado, pois eu era nova, mas fui trabalhar para ajudar o marido, que ganhava muito pouco. Trabalhei dois anos e meio numa metalúrgica, foi quando fiquei grávida do meu primeiro filho, aos 19 anos de idade, foi uma gravidez ótima, sai de licença e acabei não voltando mais, besteira deveria ter colocado meu filho numa creche, mas fiz acordo na firma e só cuidava da casa e do filho. Ai começaram os problemas financeiros, só um trabalhava pra manter a casa e o filho. Em agosto de 1980 meu filho teve um problema de saúde que teve que ficar internado no Hospital Príncipe Humberto, foi uma época de muito sofrimento pra mim e pro meu marido onde fiquei com depressão e bastantes dificuldades financeira a casa em que morava ficava perto da firma e era muita poluição e foi lá que meu filho adoeceu o medico até disse que era morar lá para meu filho morrer, no meio de tanta correria conseguimos mudar e no ano de 1981 nasceu minha filha, pra minha alegria era uma menina muito saudável com bastante saúde, mas já era mais difícil dois filhos pra criar e um mês depois que a menina nasceu meu marido perdeu o emprego, foi corte total, todo mundo perdia o emprego e nos tínhamos dividas o aluguel, despesas de casa e remédios do meu filho. Foi mesmo nesta época que fui convidada para uma reunião do Budismo de Nitiren Daishonin, fui

lembro bem era uma tarde de domingo lindo, na primeira reunião já senti uma boa sensação que a partir deste dia iria transformar minha vida, meu carma de doença, falta de dinheiro. Fui orientada a recitar o Nan-myo-ho-rengue-kyo e me disseram que eu era responsável por minha mudança através de meus objetivos. Apartir deste dia comecei a recitar o Nan-myo-ho-rengue-kyo meia hora por dia e no dia 29 de agosto de 1982 recebi meu Gohonzon, foi muito importante conhecer e abraçar o sutra de lótus praticando esse budismo, por que aprendi muito com o budismo, muito mesmo e neste mesmo ano no dia 2 de dezembro 1982 nasceu meu terceiro filho. Mais responsabilidade pra mim com 23 anos de idade e agora com três filhos, mas ao mesmo tempo foi mais tranqüilo, pois eu já era uma pessoa mais confiante, tranqüila com a vida, conseguia cuidar dos três filhos, fazer as coisas de casa, minha pratica diária do budismo e ainda passeava com eles. Coisa que não conseguia antes só com um filho. Neste decorrer da vida fiz um grande objetivo, que era a todo custo comprar uma casa pra sais do aluguel, não sabia onde achar dinheiro, mas iria comprar algo. Foi quando meu marido pegou as férias e juntou um empréstimo dez mil cruzeiros no banco, no ano de 1986 no mês da copa e compramos uma casinha de dois cômodos num terreno da prefeitura, era uma favela. Lá era nosso, ficamos livres do aluguel, mas lá não era tão fácil, não tinha água encanada, a água vinha de mangueira que enchíamos uma caixa de água e o esgoto era aberto e fossa para sujeira do banheiro, não tinha nem um tanque, eu lavava as roupas numa bacia e em uma madeira era um desconforto total a casa era de bloco, mas não tinha reboco e o telhado brasiliti. Vendo toda essa situação, já lancei um novo objetivo que iria realizar três milhões de Daimoku, uma hora por dia de oração, pra comprar uma casa de verdade com mais conforto. E com os exatos três anos que se passou, meu marido saiu da firma onde trabalhou sete anos e meio e com a indenização que recebeu daria pra dar entrada em uma casa melhor eu comprar um terreno pra construir. Muito empolgada procurei casas até encontrar uma ótima que daria uma entrada e pagaria o resto em alguns anos, mas já muito próximo do negocio dar certo, meu cunhado teve um obstáculo muito grande que emprestamos todo nosso dinheiro pra ele, nesse momento foi embora meu sonho da casa própria. Tive uma recaída da depressão, pois eu acho que

ninguém é feliz em uma favela. Como nada é por acaso tive grande apoio de um *tiku-butyo* (responsável da comunidade budista) onde ele sempre me orientou a nunca desistir, dizia-me que eu tinha uma missão de transformar ali e só iria conseguir mudar quando transformasse meu carma. Continuei a lutar com a pratica budista, logo o local foi mudando, passando água encanada, esgoto até enlanguescendo as vielas chegando até entrar carro, o budismo me ensinou a transformar o veneno em remédio.

Desde 1989 que ele saiu da firma nunca mais ele arrumou um bom emprego, chegou até a ficar um ano em outra firma, mas acabou saindo e pela idade nunca mais teve um registro na carteira de trabalho, esta época foi bastante difícil pra gente quase passamos fome, mal tínhamos um arroz pra comer, em um dia muito triste fiz uma hora de Daimoku e pedi sabedoria e li às orientações do jornal do budismo onde dizia que não existe oração sem resposta para um verdadeiro praticante do budismo de Nitiren Daishonin e ali mesmo lacei um objetivo de vinte milhões de Daimoku e escrevi que iria transformar todos os aspectos da minha vida, como a saúde, financeiro, coragem e sabedoria para meus filhos estudar, e todos os dias nunca falhei em realizar minha oração. Com tanta dificuldade financeira, chegando até a depender de ajuda de parentes, sai em busca de trabalho andei a pé mais ou menos uns dez quilômetros e neste mesmo dia arrumei um trabalho. Fui fazer limpeza em duas escolas de informática ganhando um salário mínimo mais uma cesta básica, neste mesmo tempo meu marido vivia de bicos de pedreiro que mal dava pra comprar as coisas pra dentro de casa. Em pouco tempo arrumei outro trabalho conjunto pra ganhar mais meio salário mínimo, também fazia limpeza. Durante um ano e meio nossa vida começou a mudar tínhamos comida e já comprávamos roupas, pois durante alguns anos vivíamos de roupas doadas ou compras de brechó. Nesta época meu filho mais velho cursava o primeiro colegial e fazia SENAI, minha segunda filha a quinta serie e o casula na quarta serie. Quando me despertei pra não trabalhar mais pra ninguém, iria montar um próprio negócio, fiz acordo onde trabalhava e com o dinheiro que recebi comprei doces fui vender em frente a uma escola recém inaugurada, com a cara e a corarem de uma praticante do budismo de Nitiren

Daishonin, durante uma ano foi difícil, pois não tinha quase lucro. Em setembro de 2003 minha mãe faleceu no norte onde eu recebi uma herança repartida entre onze irmãos, fiquei com R$ 570,00, Esse dinheiro para mim foi como se fosse o maior dinheiro do mundo apliquei no meu pequeno comércio e apartir daí comecei ter mais lucro pela variedade de coisas. Comecei lá atrás com uma compra de mercadoria de R$ 46,00 e atualmente minhas compras mensais já passa os dois mil reais. Só o que lamento e não ter estudado mais, pois se estivesse mais estudo, eu acredito que estaria melhor, mas com o pouco que estudei foi o suficiente para conseguir administrar meu comércio e transformá-lo em um grande sucesso.No decorrer dos meus vinte milhões de Daimoku, por muitos obstáculos passei, mas pude vencer todos da melhor maneira possível. Quando estava com quinze milhões de Daimoku realizado a grande boa sorte estava surgindo na vida de minha família, como por exemplo: Meu filho mais velho realizou um grande sonho, entrou numa faculdade e pode paga-la por quatro anos com sua própria renda, também teve a grande boa sorte de ter feito estágio e está atuando na área até hoje com muito reconhecimento; Minha filha também conseguiu fazer sua faculdade e também trabalha na área com sucesso total; Meu filho caçula fez vários cursos do SENAC na área de computação, onde hoje ele trabalha em uma multinacional muito boa e está muito bem que já entrou na faculdade. Com todos esses benefícios recebidos, comprovei mais uma vez que não há oração sem resposta.

No ano de 2000, estava com dezessete milhões de Daimoku e já tinha transformado a grande parte dos meus carmas, totalmente curada de uma depressão sem fazer uso de qualquer remédio, calmante só no Daimoku, me tornei uma mulher forte e corajosa e neste mesmo ano tive a imensa boa sorte de comprar meu terreno. No mês de janeiro de 2001começamos a construir nossa casa que foi levantada e acabada por todos nós, principalmente meu marido e meus dois filhos que trabalhavam nela o tempo todo, a construção levou três anos e no dia 30 de janeiro de 2004 completei meus vinte milhões de Daimoku, momento que a casa faltava poucos detalhe para que pudesse mudar, mais antes disso teve um acontecimento que fez nos andarmos mais

rápido, que foi no dia 15 de dezembro de 2003, um grande temporal de pedra de gelo e ventos forte quase destruiu todo o lugar onde morava, perdemos moveis, objetos particulares como fotos, documentos. Mais não me desesperei, ergui minha cabeça e não desisti de meu maior objetivo, um lar seguro para mim e minha família. Nos dias 5 e 6 de fevereiro de 2004 estava me mudando para minha tão sonhada casa, que pode fazer a chuva que for que eu nem ouço barulho e com proteção consigo descansar tranquila.

Posso dizer que hoje sou uma pessoa feliz, pois consegui todos alcançar todos meus objetivos almejados e realmente sei que existe a felicidade absoluta. Quem abraça o Sutra de Lótus e confia e segue seus ensinamentos com a recitação de Nan-myo-ho-rengue-kyo, não há oração sem resposta, não há pecado que não seja perdoado e não há justiça que seja provada, como dizia Nitiren Daishonin ”o inverno não falha em se tornar primavera, por mais rigoroso que seja o inverno temos que ter a convicção que as coisas vão mudar como a primavera e suas flores”, A prática budista nos ensina a nunca desistir, pois tudo com fé e objetivo pode se transformar, só depende de nós.

Gostaria de quem lesse essa história, observasse tudo que passei, mas desse maior atenção em tudo que transformei. Triste são as pessoas que morrem sem conseguir transformar seu carma.

E o que gostaria de ser? Foi sempre ser feliz. Felicidade pra mim não é somente ter uma casa linda e confortável com carro bom na garagem, a felicidade absoluta é ser feliz sem ter fim não importando com os obstáculos e conquistando o dia após o dia com convicção de dar tudo certo. Assim eu procuro ser sempre uma mulher corajosa, inteligente para entender o ser humano e que os humanos me entender, pois só desta forma eu vou conquistar meus ideais.

Emerson: A senhora comenta que conheceu o Budismo em 1982, certo, mas a senhora tinha uma religião anterior? Qual? Aponde as dificuldades encontradas com a mudança?

Andréia: Sim, eu era Católica, assim como é toda minha família. O mais difícil para mim foi deixar para trás as imagens, pois tinha muita fé nos santos, mas no budismo de Nitiren não adoramos imagens e nem cremos em santos. No Catolicismo tudo se paga por promessas, sacrifícios e no Budismo ensina que oração e ação, temos que sair atrás de nossos objetivos com fé sem fazer promessas aos outros. Uma outra coisa que foi bastante difícil, era a recitação das orações, o Gongyo e Daimoku que as pronuncias eram difícil no começo.

Emerson: O que é o Budismo para você?

O budismo pra mim é tudo de bom, não é pra mim só uma religião, mas sim uma escola que me ensinou tudo que sou hoje. Em um momento eu não me cuidava mais, não sonhava com algo melhor. Atualmente me respeito e respeito as pessoas, sou mais calma e corajosa, conquistei minha casa e o principal a união da minha família. Nunca fui pelos dirigentes, porque cada um tem uma forma de orientar. Mas eu sim, me embasei nos ensinamentos de Nitiren Daishonin e nas orientações do Presidente Ikeda, que através de leitura e pesquisas e até hoje tenho convicção que estou no caminho certo.

Emerson: Como é praticar o budismo?

Aceitar o budismo é fácil, mas praticar não, porque é necessária uma grande luta com a realização dos estudos, Chakubuku, recitação da oração diária (Gongyo e Daimoku) e ser uma Botsativa da terra no cotidiano. Essa minha história, minha vida e minha vitória.

Entrevista sobre identidade com Sra. Maria, para pesquisa do núcleo de pesquisa de identidade do Prof.Dr. Antonio da Costa Ciampa.

Emerson: Senhora Maria eu gostaria de saber a sua história de vida? Quem é e quem gostaria de ser?

Meu nome é Maria do Socorro, tenho 54anos. Vivia numa cidade bastante humilde, o tempo passou e só depois mudamos para uma cidade um pouco maior e naquela época na verdade nós éramos condicionados a seguir a única religião existente que era o catolicismo, eu fui uma pessoa muito dedicada, minha mãe inclusive colocava muita fé em mim, porque eu fui o braço direito dela em tudo eu era o seu discípulo mais fiel, nós somos em 11 irmãos eu perdi uma irmã há 05 anos, e o tempo passou, morávamos no norte de Minas chama-se Brasília de Minas é quase na divisa da Bahia uma cidade de aproximadamente 25000 habitantes e ali nós crescemos, vivi a minha adolescência e continuei me dedicando bastante ao catolicismo, nunca pensei que iria me desviar para outro caminho em questão de religião porque para mim Deus era um só e era o tempo de tudo. Quando completei 18 anos eu já sai de casa porque a cidade onde eu morava não oferecia nenhuma condição de emprego para as pessoas que estavam em fase de desenvolvimento, então eu mudei para a cidade mais próxima uma cidade maior chamada Montes Claros e fiquei lá mais ou menos 05 anos e depois retornei à minha terra e tive a oportunidade de trabalhar na agência do banco Bradesco durante 04 anos e quando eu perdi o emprego percebi que Montes Claros já não era suficiente para mim, eu queria ir além, foi quando eu mudei para Belo Horizonte a capital de Minas Gerais e ali eu vivi grandes conflitos sociais (gente jogada na rua, drogas, prostituição) vi tudo que eu não vi na cidade do interior e naquela época eu rezava bastante e não chegava a questionar à Deus porque tanto sofrimento, mas francamente eu fiquei muito balançada com tudo aquilo, fiquei 05 anos em Belo Horizonte e depois vim morar em São Paulo.

Quando cheguei em São Paulo tive uma sensação muito boa e muito forte, me lembro quando andava n Praça da República, Praça da Sé eu sentia uma energia muito forte no ar, embora tivesse tanta bagunça, tanta gente, tanto movimento existia alguma coisa no ar que eu não tinha descoberto ainda, até liguei para uma grande amiga que deixei em Belo Horizonte e disse a ela que eu não sabia, mas tinha a certeza de que cheguei aqui guiada por uma força maior, se passaram aproximadamente 04 ou 05 anos quando a primeira pessoa veio me falar do Nan-myo-ho-rengue-kyo, ai me falaram, explicaram,

achei interessante e confesso que eu fazia um pouco e continuava rezando porque o meu lance era o catolicismo mesmo, eu rezava tanto que tinha uma amiga que falava que eu iria virar beata, então veja bem, eu tive um primeiro conflito porque eu não fui um chakubuku direto da Soka Gakkai e a pessoa que veio Nan-myo-ho-rengue-kyo era da parte do (santo clero) e essa pessoa simplesmente me ensinou isso e à medida que comecei a questionar e não sei se ela não sabia me responder ou se era um protesto que eles usavam realmente, ele disse que não tinha autonomia para estar me explicando sobre isso e nessa época eu tive a grande boa sorte de ser encaminhada para a Soka Gakkai e quando cheguei na Soka Gakkai para mim foi uma coisa muito boa, uma emoção muito forte, porque eu encontrei ali pessoas que existiam na minha infância, encontrei ali calor humano e que realmente eu já não acreditava mais que existia e foi muito gratificante, então eu experimentei a minha prática dentro da organização e em 1991 eu vim me converter e realmente daquele tempo para cá eu nunca criei dúvidas em relação a prática de forma alguma, eu tive um acompanhamento muito importante com relação a leitura dos impressos e tentei de todas as formas colocar na minha vida da forma mais correta tudo que vinha aprendendo de acordo com o direcionamento do Ikeda sensei , é lógico que nós também temos erros, somos humanos, mas eu tento me aprimorar o máximo possível no dia-a-dia e isso foi o começo da minha história.

Emerson: A senhora Comentou em relação á sua saúde e relatou que o Daimoku te ajudou, me fale sobre isso?

Maria: Quando cheguei em Belo Horizonte (cidade grande) o primeiro impacto que tive foi realmente muito forte que veio mexer com o estado emocional e ali do dia para noite comecei a ter algumas reações muito estranhas que seriam ameaças de algum desmaio, de alguma coisa que iria acontecer, por um momento eu chegava a sair do ar mesmo e foi se intensificando cada vez mais que eu me sentia emocionada, até quando chegou o final do ano e tive realmente um desmaio. E a partir daquele momento eu iniciei o tratamento neurológico, as drogas (medicamentos) que os médicos condicionam você a estar usando realmente causam um transtorno

muito grande á sua vida, somente quem passou por esse tratamento que é capaz de explicar, a depressão, a falta de ânimo, certos fatores que vão se desencadeando no dia-a-dia, confesso que muita coisa eu venci e consegui superar através da prática não só do Daimoku como do contato de vida a vida com as pessoas lá fora , porque quando você vai até o membro que está sofrendo por incrível que pareça, aparentemente você também consegue não só aprender como também adquirir energia para dar continuidade.

Emerson: Quando você se converteu e o que te levou a essa conversão?

Maria: A pessoa que me apresentou, como te falei era um comerciante, o nome dele é Elenildo, mas foi o budismo, e o que me levou a conversão foi que por um momento eu criei muitas dúvidas com relação a questão do Deus porque meu maior problema aqui em São Paulo era a moradia, tentei morar com muitas pessoas e não deu certo, muita gente desonesta, oportunista que não respeitava você, já cheguei pensar que o problema era eu, ai chegou uma hora que tomei essa decisão que eu iria criar o meu espaço para eu realmente morar sozinha, então criei uma luta muito grande diante de Deus e fiquei questionando se realmente Deus é tão fiel, tão verdadeiro, porque então eu não consigo ser ouvido diante de tanta dificuldade, porque eu aprendi desde a minha infância que os meus problemas eu tinha que resolver, não tinha que leva-los para ninguém, principalmente para os meus pais e nem por um momento aprovavam a minha saída de casa eu aprendi andar com as próprias pernas desde os 18 anos e essa foi uma das razões mais fortes que me fez acreditar que eu tinha eu buscar essa força não no Deus/inferno, mas essa fora dentro de mim.

Emerson:E o que é essa força para você dona Maria?

Maria: Acho que o budismo é hoje para mim a luz principal da minha vida, é tudo, hoje eu não conseguiria te dizer se eu consigo viver sem essa prática, e a energia que me alimenta, é tudo que me impulsiona para estar vivendo, para estar lidando com a minha vida, para estar trabalhando e direcionando a minha vida em todos os aspectos e acho que o budismo é o foco de tudo.

Emerson: O que você me relatou compreende o que é ser budista agora o que é o budismo?

Maria: Eu determinei, mas é uma determinação que nem eu acreditei, voltei ao psicólogo, fui fazer análise tecnicamente falando porque eu não estava segurando a minha onda e montei a minha casa, montei meu apartamento de novo,ficou lindo. Namoramos 06 meses, casamos e ficamos 09 meses casados nesse apartamento onde nós fomos morar, estava morando no Rio de Janeiro, nesse intervalo que eu estava morando no Rio passei por várias provas de fogo e então a minha prática se tornou mais intensa. Tive problemas com a minha chefia, problemas de perseguição, problemas pessoais e aí quando você tem problemas de questão com a vida é uma coisa e quando você tem questão com o outro é outra coisa e pela primeira vez na prática eu exercitei,procurei a comunidade para pedir ajuda para superar isso e aprendi a transformar na minha prática os sentimentos então nesse momento que foi o meu primeiro ano de prática os sentimentos que te paralisam raiva, rancor, ódio não cria movimento e se você sente isso pelo outro não te trás boa sorte também, então era complicado porque eu já tinha me acostumado que Deus não existia, porque eu pedia por Deus, agradecia a Deus e estava acostumada à pedir a alguém, a agradecer a aluguem

Entrevista sobre identidade com Sr. Carlos, para pesquisa do núcleo de pesquisa do identidade do Prof.Dr. Antonio da Costa Ciampa.

Emerson pergunta: Sr. Carlos eu gostaria que você comentasse um pouco da sua história de vida começando com quem é você e o que você gostaria de ser?

Carlos: Eu sou chileno, nasci em uma família de seis (06) irmãos, eu não sou filho do matrimônio eu sou apenas filho do meu pai e vim saber quando estava com aproximadamente vinte e dois anos (22), então comecei a trabalhar com o meu pai no Chile, ele me ensinou a sua profissão e eu executo até hoje que é a de alfaiate, então quando eu tinha vinte e oito anos (28) iniciou uma crise muito grande no Chile, as pessoas estavam passando muita necessidade e foi uma época muito ruim, bastante desemprego, tive muita dificuldade, entrei numa depressão muito grande e passei até fome, procurei uma igreja e o padre que ajuda nas ações sociais me colocou em uma ação ecumênica e me trouxeram ao Brasil juntamente com um patrício meu, eu já havia perdido toda a minha fé. Quando cheguei aqui vi que a vida era totalmente diferente, sofri muito no primeiro momento, más depois nós começamos a entrar no caminho e estamos aqui até hoje.

Eu praticamente não tive infância, comecei a trabalhar com sete ou oito anos de idade, não tive a infância que todo menino tem: ir à escola, estudar, brincar em casa e isto me serviu porque é o que representa a minha vida inteira. Então eu não estudei porque não tive condições, meu pai não tinha condições de manter seis filhos na escola, foi uma vida dura, logo depois eu vim ao Brasil e metade da minha vida foi aqui no Brasil e a outra no Chile. Hoje já estou com quase sessenta anos (60), quando cheguei aqui também passei por muitas dificuldades, porém já moro mais tempo aqui do que morei no Chile. Tive muito sofrimento, também morreu um filho meu com quatorze anos (14) acidente no trem que vai de São Paulo à Santo André, ele não estava surfando, mas estava na porta e naquele tempo o trem andava com a porta aberta.

Como disse sou chileno e devido a crise muito grave no Chile eu vim ao Brasil para trabalhar então não tive condições de estudar, moro mais tempo aqui do que no Chile morreu um filho meu de 14 anos acidente de trem de São Paulo à Santo André a porta estava aberta e ele morreu na hora e depois da morte do meu filho eu me converti ao budismo, estava numa depressão muito grande e depois que conheci o budismo nunca tinha escutado falar sobre o budismo, havia visto pessoa lançando há muito tempo atrás então eu fui e via a pessoa fazendo a oração, más ninguém me falou o que era a lei Nan-myo-ho-

rengue-kyo, ai conheci o budismo através da Maria, ai foi que vim a saber o que era a lei e vim assistir as reuniões, primeiro como simpatizante devido a vida com a pessoa e não tem aquela ficção de que vai vim alguém e vai salvar você, ai comecei a entender que a morte não é o fim e é só uma mudança de um estado latente de vida do universo carrega a sua bateria e volta novamente, para outra vida, então é o começo de tudo, a gente pensa que a morte é fim, pois é capaz que este filho que morreu já voltou. E este é o mistério da vida como a igreja fala e isso fez com que eu me convertesse ao budismo, porque vi que é a prova real de vida então porque você não vai á igreja pagar manda (promessa) para que você tenha um emprego e eu paguei várias mandas também, se você andar à pé em uma distância de 20 a 30 Km e até muitas pessoas se dizem ser católicos e vão a igreja uma ou duas vezes ao ano assim como eu fazia e no budismo não porque você sabe que é vida diária e cada dia é um dia ontem não existe é hoje e o que se passou hoje de manhã já não existe mais, hoje de manhã todos se encontraram naquela reunião, mas as pessoas que você viu já foi e o que falou esta falado, então por isso que vim para ficar no budismo e me converti á 15 ou 16 anos, então eu vim casado do Chile com dois filhos e me separei aqui no Brasil e a minha filha casou e se separou também. Eu vim para a região de Santo Amaro e no início me dei muito bem aqui, depois me separei não porque a minha mulher não foi ruim, eu não tenho motivo para reclamar dela, teve momento em minha vida que ela me ajudou muito e se tiver alguma pessoa que falhou fui eu. No Chile nós éramos católicos e aqui também cheguei a participar, porém eu respeito todas as religiões e até mesmo quem não tem religião, então todas as vezes que chega um evangélico eu dou atenção e sempre falei que se no budismo houvesse 10% das pessoas que existem no protestantismo e que pregassem a palavra e a conversão o budismo estava bem porque tem muitas pessoas que são budistas más é da boca para fora, fala muito bonito, agrada muito as pessoas más você tem que falar bonito e têm que agir e ter ação. Falar bonito e fazer muitas reuniões se não tiver ação não vale de nada. Eu respeito os católicos, evangélicos (Congregação Cristã do Brasil, Testemunhas de Jeová) e principalmente os evangélicos porque todos os domingos eles deixam de estar em casa com a mulher, passear, tomar um café e vão à igreja buscar a

palavra, pode ser um ensino inferior, más temos que ter respeito por estas pessoas, eu sou budista e muito feliz por ser uma religião que transforma a vida da pessoa, mas não me dá o direito de criticar ninguém.

Emerson: O Sr gostaria de um plano e acho que isso vai de encontro com quem você gostaria de ser?

Carlos: Na verdade a minha inspiração quando era mais novo e trabalhar com costura, comecei com sete anos de idade, com onze anos eu já sabia fazer uma peça de roupa então eu nunca me vi fazendo outra coisa se eu tivesse que ser outra coisa eu gostaria muito de ser engenheiro agrônomo porque eu gosto da roça, eu não vou morar na roça sem profissão e na roça não vou morar porque eu iria fazer o quê? Eu não sei fazer nada e se tivesse essa profissão que gostaria de ter aprendido quando novo e os pais da minha 1ª mulher eram da roça e pessoas muito boas também já morreram. Nessa época minha esposa tinha uma amiga que era dona de uma escola agrícola tipo uma faculdade e a gente ia muito passear nesta fazenda, criava porco, plantação de uva, fazia vinho e vendia então não tem como passar por dificuldades vivendo em um lugar como esse e sabendo trabalhar. Hoje tem a faculdade da terceira idade e penso ainda em estudar e me formar e não estudo agora porque eu trabalho por conta então eu não tenho salário fixo para sobreviver, tenho uma filha agora com a Maria que tenho que dar estudo e sustentar a casa, a Maria me ajuda muito e por isso que não me dedico a estudar se tivesse uma renda extra eu já estaria estudando, estou vivendo nesta casa e pretendemos ficar aqui até 2010 se der a gente sempre luta para conseguir algo melhor, quando me separei da minha 1ª mulher eu construí uma casa muito boa e morava com ela, e ela e minha filha ficaram morando 15 anos nesta casa porque não poderia deixa-las na rua e eu fui pagar aluguel (R$ 500,00) esta foi uma maneira de mostrar a minha gratidão. Então chegou uma época que ela me pediu para vender a casa. Então vendi a casa e reparti o dinheiro com ela (minha ex-esposa), não era a minha intenção comprar aqui, más não dava para comprar outra coisa rápida, então nós compramos esta casa porque se o

dinheiro fica na mão sem investir ele vai embora e a gente não vê para onde foi.

Comprei esta casa e paguei à vista e ela comprou um apartamento para ela, então por isso que estamos vivendo aqui numa vida humilde, más a gente não está para se estabilizar aqui. A minha irmã disse que não poderia falar para o marido que viria aqui à noite porque se ele soubesse que era aqui não deixaria ela vir e isso pra mim é preconceito e é budista e um bom budista só que é preconceituoso.

A minha irmã poderia se impor em relação a esse aspecto com o marido, porque se a Maria fala algo que eu não concordo então eu questiono e tenho a minha opinião eu só faço aquilo que acho que está certo, se tem uma crítica para o brasileiro eu critico isso se a mulher fala que é assim tem que ser assim, eu não sou assim não o chileno nunca foi mandado pela mulher não porque você tem que ter a sua personalidade e cada pessoa tem que ter a sua individualidade, por exemplo, eu respeito o lugar dos outros, por exemplo, chega uma carta para mim eu não aceito que outra pessoa abra a minha correspondência não é porque eu estou escondendo nada é proibido por lei e eu não faço isso se chegar uma carta para Maria eu vou entregar pra ela e se ela me pedir para abrir eu vou abrir caso contrário não, pois o costume no Chile é diferente lá sou mais humilde eu não tive aquela fartura que teve aqui, no Brasil a alimentação é muito melhor do que no Chile, lá não se come mal, más aqui tem mais fartura, então de tudo isso você aprende e são ensinamentos que vêm do meu pai, quando vou a uma casa qualquer casa pode ser de um familiar ou pode se da mãe, do irmão dela e você acha que me dá o direito de mexer? A não ser que o dono da casa me autorize a pegar um negócio (algo), isso é um motivo de respeito são costumes que eu aprendi.

Então vim morar aqui e não me sinto mal sabe por que eu não me sinto mal? Porque já vivi em um lugar muito mais pobre que esse e nunca me dei mal com ninguém ao contrário eu fui líder, fui dirigente e presidente de um comando de moradores sem casa no Chile eram casas tipo favela e não tenho vergonha disso tenho orgulho disso porque pra mim nunca ninguém pediu nada

e nunca roubei para ter alguma coisa então você acha que a vida na pobreza me assusta? Não me assusta porque eu já passei tudo que um ser humano precisa passar e também já tive dinheiro tive uma firma onde tínhamos de 15 á 20 empregados fazendo jaquetas de couro, tinha uma firma que era só firma e morávamos cada um em sua casa eu e meu irmão, então dinheiro não me assusta hoje talvez estou passando necessidade porque estou pondo do bolso e trabalho sozinho com ela e para quem teve 20 pessoas trabalhando na oficina, tínhamos 12 a 15 vendedores e 08 pessoas trabalhando na oficina e hoje só eu e a Maria, porém posso até estar passando necessidades e o que sustenta a nossa prática é a nossa fé e tentando fazer chakubuku. Estamos nessa comunidade Jd. Irene, então quando cheguei nesta comunidade eu senti um choque muito grande porque eu vim de uma comunidade que nós éramos praticamente os responsáveis da comunidade e nós tínhamos muitas atividades lá e aqui não tinha nada e a única atividade que tinha era só um Daimoku de terça-feira das 15:00 ás 16:30 e tinha quatro, cinco, seis pessoas ás vezes duas.

Emerson: O Sr está falando da sua prática no Budismo, mas o que levou o Senhor a converter e o que é o budismo para você?

Carlos: O que me levou a conversão foi o sofrimento que estava passando devida a morte do meu filho.

Emerson: E como o Budismo te acolheu?

Carlos: Ensinou-me a compreender o que era a ligação entre a vida e a morte, entendi que a morte não é o seu fim e que é o começo, e a partir daí mudou a minha postura, eu ganhava muito dinheiro e gastava muito também, falava mal as pessoas na rua, quando estava dirigindo era muito agressivo e com a prática do budismo eu fui mudando tudo isso e hoje já não sou mais assim, já teve gente que chegou a bater no meu carro, eu sai para conversar com educação e se fosse ao passado eu sairia para brigar, a postura muda totalmente o budismo leva você a ver como é a lei de causa e efeito e você vai vendo onde esta errado e você começa a punir sua vida e tudo isso acontece com o tempo e não é magia, isso demorou muitos anos tanto é que a minha

filha demorou 15 anos e foi uma pedra muito grande no meu caminho quando me separei dela porque ela teve um choque muito grande, ela se sentia traída e custou muito para aceitar a convivência com a Maria e depois de 15 anos consegui que minha filha se convertesse também e o budismo me ensina que o budismo é razão e é vida diária sabe porquê? Porque minha filha se casou com um moço e se preocupou tanto tempo em destruir o meu relacionamento com a Maria que o casamento dela que terminou e hoje ela se converteu ao budismo e então ela veio compreender e agora esta em outro relacionamento, após a sua conversão ao budismo hoje ela é outra pessoa.

Tem gente da mesma família que me conheceu quando eu estava bem de vida, cheguei a ter três carros na garagem, moto, e essas pessoas notaram a mudança do meu comportamento, de ação, do meu modo de agir, se hoje não tenho mais três carros na garagem isso não me assusta, pois é momentâneo. Nós tínhamos um carro muito bom que fomos assaltados e o carro estava cheio de mercadorias e o que roubaram de mercadorias tinha mais valor que o próprio carro, isso porque o carro era quase novo.

Agora estou com este carro velho que foi uma doação de um irmão, mas isso não me preocupa e até falavam que eu estava jogando xadrez e também não estou incomodado porque como eu já disse é uma situação momentânea e o dinheiro não é tudo, então hoje essa pessoa olha e fala como esse cara está mudado e não foi eu que mudei, foi o budismo que me mudou, porque na igreja católica, não é uma crítica à igreja, más lá você comete uma falta e então reza-se 10 pai nosso e 10 ave-maria e está perdoado, porém isso não existe, pois quando você comete um erro a causa está feita e o efeito vai vir cedo ou tarde e não sabemos quanto tempo vai demorar, pode ser que demore 10 minutos ou anos, então o budismo é real e por isso que vim à praticar esse budismo e não porque ninguém me obrigou e vi a sinceridade nas pessoas, apesar que como todo ser humano você nunca vai concordar com tudo o que fala, mas no budismo a orientação a ser seguida é para seguir a lei e não as pessoas. Você seguindo a prática correta não somente com a religião e com tudo o que vem depois, por exemplo: um clube desportivo não pode ficar apenas na idéia do presidente e dos jogadores, a seleção brasileira de 10 anos

atrás não é mais a mesma, pois a vida é uma constante renovação e tudo vai mudar, você mesmo hoje está com 30 anos quando eu cheguei aqui você era um bebê e essa juventude do Jd. Irene, a sua mãe falou conheceu esse menino quando era bebê, então é assim no budismo tudo vai se renovando a nossa vida é eterna o que morre é a matéria, e ainda eu não sei nada estou aprendendo, porque no budismo você tem que estudar todos os dias, tem que fazer Daimoku, é difícil não é fácil ser budista. Ser católico qualquer um é, diz que vai a missa e de repente não vai e diz que é católico, agora para ser budista temos que fazer o bom dia da manhã, o bom dia da noite e tem que fazer Daimoku isso é para a prática individual e para ser budista você tem que ser a prática para os outros também, tentando visitar as pessoas que necessitam de orientação e não é porque eu não tenho curso universitário ou porque eu tenho pouco estudo que eu não posso orientar uma pessoa que seja universitária, porque a sabedoria você não adquire apenas na escola se adquire na vida também.

Às vezes você aprende muito mais com uma pessoa que não estudou, pode dar uma palavra objetiva do que com a pessoa que estudou muito, então tudo isso foram os motivos que me levou a praticar o budismo e hoje a minha filha como eu te falei veio a praticar também, ela não é convertida, mas com o tempo ela chega lá.

GLOSSÁRIO

Daimoku é o termo utilizado para se referir ao Mantra Sagrado **Nam-myoho-rengue-kyo**, mantra do budismo de Nitiren sem ter que pronunciá-lo. Ao pé da letra "Daimoku" significa "O Título" ou seja, o título do Sutra Lótus, que é acrescido do prefixo de devoção incondicional "Namu".

Nam-myoho-rengue-kyo é o mantra do budismo de Nitiren, que abrange todas as leis, toda a matéria e todas as formas de vida existentes no universo e são atribuidos os seguintes significados:

Nam - derivado do sâncrito Namas, significa "devotar a própria vida",

Myo - significa místico, não no sentido de milagre, mas indicando que o mistério da vida é de inimaginável profundidade e, portanto, além da compreensão do homem;

Ho - significa lei. A natureza da vida é tão mística e profunda que transcende o âmbito do conhecimento humano.

Rengue - significa flor de lótus, que simboliza a simultaneidade de causa e efeito, pois a flor e a semente germinam ao mesmo tempo. O budismo esclarece que todos os fenômenos do universo são regidos por essa lei. Portanto, a condição da vida presente é o efeito das causas acumuladas no passado e as ações do presente criam causas para o futuro.

Kyo - significa sutra ou ensino do Buda, que é eterno. Propaga-se pelas três existências da vida - passado, presente e futuro - transcendendo as condições mutáveis do mundo físico e do ciclo de nascimento e morte.

Gongyo - recitação diária dos capítulos *Hoben* e *Juryo* do Sutra de Lótus; é a prática fundamental realizado diariamente de manhã e à noite pelos praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin.

Shakubuku - é a prática e o ato de ensinar às demais pessoas sobre a realização da prática da fé.

Sutra de Lótus – é um livro que integra todas as verdades parciais em um todo perfeito e representa a essência e o conjunto do sistema da Filosofia Budista.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo